

PRESBITÉRIO DE CUIABÁ

EXEGESE

POR

ADILSON MACIEL DE ARAÚJO

CUIABÁ/2001

IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL

SÍNODO MATOGROSSENSE

PRESBITÉRIO DE CUIABÁ

EXEGESE DE ROMANOS 1: 16-17

Exegese apresentada ao Presbitério de Cuiabá como requisito

Parcial à ordenação ao sagrado Ministério; em cumprimento

ao Artigo 120, alínea a, do Capítulo VII da CI / IPB.

Por

ADILSON MACIEL DE ARAÚJO

CUIABÁ – MT

Agosto/2001

ÍNDICE

I - Introdução -----	04
II - Texto Bíblico -----	06
III - Problemas textuais -----	07
IV - Contexto Histórico do Livro -----	08
V - Denominando -----	26
VI - Aspectos Gramaticais Especiais -----	29
VII - Palavras Chaves -----	38
VIII – Gênero Literário -----	55
IX - Tradução -----	56
X - Análise de Discurso -----	57
XI - Estrutura do Livro -----	58
XII - Teologia -----	60
XIII - Mensagem para Hoje -----	69
XIV - Referências Bibliográficas -----	71

I - INTRODUÇÃO

O presente trabalho exegético elaborado sob o texto de Romanos capítulo 1 versículos 16 e 17; visa atender uma das exigências da Igreja Presbiteriana do Brasil em sua Constituição Interna conforme se verifica no capítulo VII, Artigo 120, alínea “a” para a ordenação de candidato ao Sagrado Ministério.

O presente trabalho visa apresentar, dentro das normas estabelecidas pela CI / IPB no artigo supra citado, uma exegese do texto de Romanos capítulo 1 versículos 16 e 17. Trata-se de uma pesquisa de ordem bibliográfica, numa abordagem qualitativa, valendo-se também de recursos informativos obtidos *in loco* com o professor da referida disciplina, cursada no Instituto Bíblico Rev. Augusto Araújo.

Este trabalho se propõe apresentar um estudo exegético do texto supra citado, buscando extrair, através das ferramentas disponíveis, o seu real significado com base na fidelidade às Sagradas Escrituras. A pesquisa não tem a pretensão de esgotar o texto, todavia se propõe a explorá-lo buscando entender o verdadeiro pensamento do autor ao escrevê-lo e assim fazendo uma correta aplicação de sua mensagem para a igreja e a sociedade hodierna.

A compreensão do verdadeiro Evangelho de Jesus Cristo tem sido altamente prejudicada por causa das constantes violentações sofridas em sua interpretação. A ênfase no poder de Deus têm sido desviada para vários outros temas e o valor da salvação pela graça mediante a fé em Jesus Cristo tem sido cada mais diminuída. Os holofotes tem sido focalizados na suficiência humana e a total dependência de Deus esquecida, à medida que os olhos da fé “cristã” tem sido desviados para uma pregação antropocêntrica que super valoriza o homem e a sua auto competência.

Uma leitura do ensino Escritura, porém, onde a justiça de Deus é o foco, concedida à pecadores injustos e indignos, por pura graça, apropriada exclusivamente mediante fé, um ensino onde méritos e obras não tem lugar havendo lugar apenas para a insondável graça de Deus. um ensino onde os homens injustos são justificados e convidados a viverem debaixo dessa justiça, justiça que é apropriada pela fé e que se constitui no elemento vital para uma vida justa, reta e agradável diante de Deus.

II - TEXTO BÍBLICO

ROMANOS – 1: 16-17

1.16 Οὐ γὰρ ἐπαισχύνομαι τὸ εὐαγγέλιον, δύναμις

γὰρ θεοῦ ἐστὶν εἰς σωτηρίαν παντὶ τῷ πιστεύοντι,

Ἰουδαίῳ τε πρῶτον καὶ Ἑλληνι.

1.17 δικαιοσύνη γὰρ θεοῦ ἐν αὐτῷ ἀποκαλύπτεται ἐκ

πίστεως εἰς πίστιν, καθὼς γέγραπται, Ὁ δὲ δίκαιος ἐκ

πίστεως ζήσεται

III - PROBLEMAS TEXTUAIS

Apesar do Novo Testamento Grego não identificar nenhum problema textual nesta passagem; dois pequenos problemas são identificados por Champlin¹, muito embora não alterem em absolutamente nada o sentido do texto.

Alguns poucos manuscritos como KLP, G e \aleph acrescentam à sentença $\text{Οὐ γὰρ ἐπαισχύνομαι τὸ εὐαγγέλιον}$ “ pois não me envergonho do evangelho” του Χριστου “de Cristo”. O acréscimo de του Χριστου apenas evidencia o que na frase já está absolutamente claro: a idéia de origem, procedência do Evangelho, que logicamente remete a Cristo.

Outro problema textual repousa na omissão de πρῶτον em alguns manuscritos como B G. Champlin² destaca que a ausência de πρῶτον , nesses manuscritos mais antigos talvez deva-se ao fato de que Márciom, que considerava inaceitável os privilégios dado aos judeus. No entanto, todos demais manuscritos incluem πρῶτον , referindo-se aos judeus.

¹ CHAMPLIN, Russell Norman. O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo, 1998 Vol. III, p. 573

² Ibid. p. 573.

IV - CONTEXTO HISTÓRICO DO LIVRO

1- AUTORIA-

Das treze cartas tradicionalmente atribuídas a Paulo, a carta aos romanos é uma das que menos enfrenta problema de disputa em sua autoria. Se a autoria das Epístolas pastorais, (I e II Timóteo e Tito), com exceção de Filemon, sofrem algum tipo de questionamento por parte dos eruditos críticos, as Epístolas chamadas “gerais” (Romanos, I e II Coríntios, Gálatas, Efésios, Filipenses, Colossenses e I e II Tessalonicenses) são aceitas praticamente de modo unânime como epístolas genuinamente paulinas pelos estudiosos. Dentre essas nove, a autoria de quatro delas não encontram nenhum tipo de disputa, a saber: I e II Coríntios, Gálatas e Romanos. Acerca destas há consenso absoluto no que diz respeito à autoria; sendo todas, indubitavelmente oriundas da pena de Paulo.

1.1 – Evidências internas –

A- A simples comparação entre as quatro obras clássicas paulinas: Romanos, I e II Coríntios e Gálatas no que se refere a questões de estilo e vocabulário, revela de forma incontestável que estas quatro epístolas foram escritas pelo mesmo autor sacro. Sobre a comparação do estilo e vocabulário empregado entre os escritos de Paulo, especialmente as quatro cartas onde há unanimidade quanto à autoria, Champlin assevera:

Aceitar uma delas como Paulina é aceitar todas as outras três e rejeitar uma delas, é rejeitar as demais. Estilo e vocabulário são elementos que não podem ser facilmente copiados ou imitados; e estas epístolas revelam-nos o mesmo homem, dotado de um estilo literário intensamente pessoal, o, que revela a personalidade de seu autor de forma notável e indiscutível.³

³ CHAMPLIN – Russel Normam. O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo, 1995 VI. III p. 565

É notável como as referidas epístolas contêm em seu próprio conteúdo, a reivindicação de terem sido escritas pelo apóstolo Paulo, e o conteúdo de cada uma delas evidencia em termos de estilo literário, vocabulário e linguagem utilizada, a composição de um único autor.

B- Na abertura da epístola há um considerável detalhe para fortalecer a afirmação da autora Paulina desta carta. As cartas antigas eram compostas de uma forma geral em sua estrutura: o remetente se preocupava em enviar saudações ao seu destinatário e em se identificar pelo próprio nome, falar acerca de suas credenciais e seguindo seu estilo próprio, o remetente usava uma forma padrão de saudação. Vejamos o prólogo da carta onde estes elementos são facilmente identificados: *“1-Paulo, servo de Jesus Cristo, chamado para ser apóstolo, separado para o evangelho de Deus,...5- por intermédio de quem, viemos a receber graça e apostolado por amor do nome, para a obediência por fé entre todos os gentios, 6- de cujo o número sois também vós chamados para serdes de Jesus Cristo.7- A todos os amados de Deus, que estais em Roma, chamados para serdes santos, graça a vós outros e paz, da parte de Deus, nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo.”*

C- A extensa lista biográfica descrita no capítulo 16 também se constitui numa forte evidência interna acerca da autoria Paulina desta carta. É curiosa a forma calorosa expressada pelo apóstolo O fato do apóstolo citar o nome de tantas pessoas conhecidas dele que agora estavam residindo na cidade de Roma e congregando naquela igreja exprime de forma clara e inquestionável o fato de ter sido Paulo e não outro, o autor desta magnânima carta.

1.2- Evidências Externas –

A aceitação da Epístola de Paulo aos Romanos no Cânon Sagrado nunca encontrou oposição expressiva. Os Pais da igreja foram unânimes em aceitar esta epístola. Sobre este fato, Champlin argumenta:

Nenhum dos livros do Novo Testamento foi aceito como canônico antes da epístola aos Romanos, pois quando se fizeram as declarações sobre “cânon” neotestamentário a epístola aos romanos sempre foi incluída, e isto nos pronunciamentos de pessoas ou grupos ortodoxos ou heréticos.⁴

O texto de II Pedro 3:15-16: *“e tende por salvação a longanimidade de nosso Senhor como igualmente o nosso amado irmão Paulo (grifo meu) vos escreveu segundo a sabedoria que lhe foi dada, ao falar acerca desses assuntos, como, de fato costuma fazer em todas as suas epístolas, nas quais há certas cousas difíceis de se entender, que os ignorantes e instáveis deturpam, como também deturpam as demais Escrituras, para a própria destruição deles.”* é indicado como a evidência externa comprobatória da autoria Paulina desta carta. Segundo Champlin⁵, esta passagem, “evidentemente” faz alusão à Rm. 2:4: *“Ou desprezas a riqueza da sua bondade, e tolerância, e longanimidade, ignorando que a bondade de Deus é que te conduz ao arrependimento?”* e esta passagem juntamente com os demais escritos paulinos é denominado de “Escrituras”, como cita o próprio texto de II Pedro, sendo esta, a mais antiga indicação da autoria de Paulo para a carta à igreja de Roma.

⁴ CHAMPLIN – Russel Normam. O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo, 1995. Vol. III p. 558

⁵ Ibid. p. 556.

Os mais antigos Pais da Igreja também apontam o apóstolo Paulo como sendo o autor de Romanos.

Márcom – (150 d. C.) ao elaborar um “*cânon*”, incluía a epístola aos Romanos e atribuía a sua autora à Paulo. A posição de Márcom, por causa das suas muitas heresias, levou muitos Pais da Igreja a fazerem seus respectivos pronunciamentos. Todos esses Pais da Igreja, sem qualquer exceção, dentre os que se preocupavam com este problema, também incluíram a epístola aos Romanos em seus respectivos cânones. “Os cânones” mais antigos, pertencentes ao século segundo d. C. incluíam cerca de dez das epístolas de Paulo. Numa data ainda mais antiga, escritores que não contavam com nenhum tipo de “cânon” formal, mesmo assim, demonstravam respeito e conhecimento por diversas das epístolas de Paulo, incluindo a epístola aos Romanos e a atribuição à Paulo como seu autor. Entre estes são citados Clemente de Roma (95 d. C.), Inácio de Antioquia (110 d.C.) e Policarpo de Esmirna (110 d.C.) Mais tarde, Tertuliano (cerca de 200 d. C) também atestaria a epístola aos Romanos bem como sua autoria Paulina como “canônico.”

2- DATAÇÃO

2.1 – A origem da igreja de Roma –

Pouco é sabido acerca da origem desta importante igreja. No mundo dos dias de Paulo, o nome Roma era muito significativo e há, perceptivelmente, um fascínio muito grande do apóstolo por esta cidade, expresso no seu grande desejo de pregar ali (Rm.1: 10-13).

A igreja cristã em Roma já existia há algum tempo quando Paulo lhe escreveu a epístola. Em At. 28:15 a existência daquela igreja é aceito como algo largamente

conhecido, fato atestado pela representação oficial, através de um grupo de irmãos, enviados por esta igreja, para receber Paulo no Ápio Fórum. Paulo declara expressamente não ser o fundador desta igreja: Rm. 1: 10-15, 15:20-22. A hipótese de Pedro ter sido o fundador desta igreja é também facilmente descartada, pois estas declarações mais se embasam no zelo destorcido, que pretendia, talvez, evidenciar uma origem nobre à igreja que mais tarde seria a sede do cristianismo. Sobre este ponto, Champlin destaca:

Cumpre-nos observar, entretanto, que o apóstolo Pedro ainda se encontrava em Jerusalém, ao tempo da conferência referida em Gálatas 2:1-10, que corresponde à chamada *visita da fome*” que Paulo fez à Jerusalém, segundo o que se lê em Atos 11:27. Portanto é altamente improvável que Simão Pedro tenha tido qualquer participação pessoal na fundação da igreja cristã de Roma. Além disso, Paulo nos dá a impressão que a igreja romana fora estabelecida muitos anos antes de sua visita (Rm. 15:22). E em parte alguma Paulo dá a impressão que a fundação desta igreja tenha sido realização sua.⁶

Escritores como Davis, F. Davidson, Gundry e Champlin apontam duas hipóteses para o surgimento da igreja em Roma:

Crê-se que a igreja de Roma se originou do testemunho e dos trabalhos dos cristãos cidadãos do Império, que viajavam constantemente para a metrópole, e dali para outras partes. Não é improvável que a obra de evangelização tivesse sido começada pelos “forasteiros romanos, tanto judeus como prosélitos” (At. 2:10). Essas testemunhas do evangelho teriam sido ajudadas posteriormente por cristãos da Antioquia da Síria, Éfeso e Corinto, e assim teve incremento a comunidade.⁷

⁶ CHAMPLIN – Russel Normam. O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo, 1995. Vol. III p. 558

⁷ DAVIDSON – F. O Novo Dicionário da Bíblia, 1997. P. 1151.

Com esta opinião também concordam Davis e Champlin. Guingry, porém, assevera acerca da possibilidade do evangelho ter chagado à Roma por ocasião do Pentecostes:

Quiçá alguns dos judeus e prosélitos residentes em Roma, que tinham estado em Jerusalém no dia de Pentecostes e ali se tornaram cristãos, levaram de volta o evangelho a Roma, no alvorece mesmo da história cristã. (vide At. 2:10) ⁸

Evidentemente as duas hipóteses são perfeitamente possíveis, no que tange ao surgimento da igreja cristã na capital do império, bem como podemos pensar no trabalho sendo plantado pelos residentes em Roma e fortalecido pelos imigrantes convertidos que para lá foram numa ocasião posterior.

1.2- Evidências internas –

No capítulo 15: 22-29, temos a mais forte evidência interna acerca da época em que a carta foi escrita. Aqui o apóstolo revela que está prestes a viajar para Jerusalém levando a coleta para os pobres daquela região vitimados pela fome profetizada por Ágabo em At. 11: 27-30, quando então espera estar desimpedido para visitar Roma e depois a Espanha. O recolhimento das ofertas para as igrejas da Judéia no qual Paulo estava empenhado a fazer, além do texto acima referido, é também apontado em I Co 16:1-4; II Co. 8-9 e At. 24:17. Champlin⁹ destaca que a data da escrita da epístola esta vinculada à menção que Paulo faz da coleta descrita nos textos acima, na qual o apóstolo está empenhado. Estes indícios mostram (especialmente Rm. 15: 25-26), que quando ele escreveu a Epístola, já havia completado o seu serviço de recolhimento da oferta, a última parte da qual foi completada em Corinto, quando então cumpriria a intenção de ir até Jerusalém, afim de levar a oferta completa. De Jerusalém, ele iria a Roma. Assim, pois, durante algum tempo,

⁸ GUNDRY – Robert. H. Panorama do Novo Testamento, 1978. P. 325

⁹ CHAMPLIN – Russel Normam. O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo, 1995. Vol. III p. 558.

quando de sua permanência final em Corinto, sendo esta a terceira visita (II Co. 13:1), redige e endereça a carta à igreja de Roma, pouco antes de se dirigir à Jerusalém, na parte final de sua terceira viagem missionária. O que dataria a carta entre 56 e 59 d. C. Davidson assevera acerca da data da carta:

Temos uma indicação da época no capítulo 15 da data em que a carta foi escrita.

Foi à s vésperas de partir para a Palestina que Paulo endereçou a carta à Roma.

Relativamente à cronologia exata da vida e obra da vida de Paulo nenhuma autoridade pode ser dogmatizada, mas o tempo da visita à Jerusalém é colocado entre os anos 56 e 59 A. D. não sendo possível outras datas.¹⁰

A data da escrita como sendo imediatamente anterior à visita a Jerusalém é ponto pacífico na evidência interna descrita em Rm. 15: 25, marcando a parte final de sua terceira viagem missionária, isso data a escrita da carta, como já mencionamos entre 57 e 59 d. C.

2.3 – Evidências externas -

Pela clareza expressa nas evidências internas acerca da época em que a carta foi escrita, não há disputa entre os autores, nem mesmo entre os Pais da igreja. A palavra de Paulo em Rm. 15:22-29 é conclusiva sobre quando da escrita da carta. “*estas regiões*” mencionadas no v. 23 fazem referência ao oriente; à Grécia, à Corinto, as quais ele estava prestes a deixar pois os seus olhos agora estão voltados para o ocidente e sua intenção é ir até a Espanha, v. 24.

O texto de At. 20:2-3 : “ *Havendo atravessado aquelas terras, fortalecendo os discípulos com muitas exortações, dirigiu-se para a Grécia, onde demorou três meses....*” Esta e as demais indicações mostram que Paulo escreveu a epístola aos Romanos ao final de sua permanência na Grécia (Acaia), ou seja, em Corinto, durante a sua terceira visita

¹⁰ DAVIDSON – F. O Novo Dicionário da Bíblia, 1997. P. 1152.

àquela cidade: “*Esta é a terceira vez que vou ter convosco...*” II Co. 13:1 e 12:14. Champlin¹¹ diz que Paulo escreveu a Carta quando estava prestes a visitar a cidade de Roma, quando está decididamente resolvido a voltar-se para o ocidente, por crer que seu trabalho missionário deveria se estender naquela direção, atingindo inclusive a Espanha. Assim sendo, Paulo provavelmente escreveu imediatamente antes da porção final de sua terceira viagem missionária, o que situaria a data da epístola, a partir da 53 d. C.

Uma data tão requerente, porém, não parece muito provável, uma vez que a carta fora escrita em Corinto, na fase final da terceira viagem, que os escritores afirmam ter sido concluída entre 57 e 59, sendo esta a data mais provável para a Carta.

3- LUGAR –

Os autores são unânimes em afirmar que a origem geográfica da epístola aos Romanos é a cidade de Corinto, durante a estadia de Paulo ali que durou um trimestre segundo At. 20: 3.

Alguns dos nomes citados no último capítulo desta epístola tais como Febe, a provável portadora da Epístola, que servia na igreja de Cencrécia, cidade portuária, próximo à Corinto (Rm. 1:1); Gaio, a quem Paulo se refere como sendo seu hospedeiro (Rm. 16:23) também referido em I Co. 1: 14.; a menção da saudação enviada por Timóteo (Rm. 16:21), também referido com estando com Paulo em Corinto por ocasião da terceira visita (II Co. 1:1) e a referência à saudação enviada por Erasto (Rm. 16:23), também referido em II Tm. 4:20. Sobre este Erasto “*tesoureiro da cidade*” Gundry destaca:

Há uma inscrição descoberta em Corinto e datada do primeiro século da era cristã que diz: Erasto, comissário das obras públicas, lançou este pavimento às suas próprias custas. Estritamente falando, “comissário das obras públicas não é

¹¹ CHAMPLIN – Russel Normam. O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo, 1995. Vol. III p. 558.

a mesma coisa que “tesoureiro das cidade”, mas é natural pensar que Erasto subiu do posto de comissário para tesoureiro da cidade ou que fora rebaixado de tesoureiro para comissário, podendo também as duas palavras ser sinônimas.¹²

Todos estes nomes mencionados por Paulo, estando relacionados à cidade de Corinto, evidência de forma clara, a origem da Epístola aos Romanos. Ademais, uma epístola como esta, escrita cuidadosa e ponderadamente, só podia se redigida com calma, quando Paulo pôde fixar residência por algum tempo num lugar. Em Atos 20:3 somos informados que Paulo demorou três meses em Corinto, tempo suficiente para a redação da epístola.

4 – DESTINATÁRIO –

O prefácio e a saudação descritos no epílogo da Carta não deixam nenhuma margem para o questionamento do seu destino: *“1-Paulo, servo de Jesus Cristo, chamado para ser apóstolo, separado para o evangelho de Deus,...5- por intermédio de quem, viemos a receber graça e apostolado por amor do nome, para a obediência por fé entre todos os gentios, 6- de cujo o número sois também vós chamados para serdes de Jesus Cristo.7- A todos os amados de Deus, que estais em Roma, chamados para serdes santos, graça a vós outros e paz, da parte de Deus, nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo...15- por isso, quanto, está em mim, estou pronto a anunciar o evangelho também a vós outros em Roma.”* (grifo meu).

Champlin¹³ aborda, porém alguns problemas relacionados à integridade da Epístola mencionando a ausência da palavra Roma descrita nos versículos 7 e 15 em alguns manuscritos; mas que não se revestem de qualquer importância especial, visto que todos

¹² GUNDRY – Robert. H. Panorama do Novo Testamento, 1978. P. 326

¹³ CHAMPLIN – Russell Norman. O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo, 1995. Vol III p. 561

são de data relativamente recente, a saber: mss G (século IX), Or (part), 1739 (mg) e 1908 (mg).

Quanto aos capítulos 15 e 16, porém, há divergência acerca do seu destino entre os estudiosos. A Epístola aos Romanos teria uma forma mais resumida nos tempos mais antigos? Este questionamento é feito em razão de que existe diferentes linhas de evidência textual quanto à posição da bênção (16:20) e da doxologia (16:25-27). Do modo como a temos hoje, textualmente falando, seu encerramento pode ser feito em vários lugares: “*E o Deus de Paz seja com todos vós. Amém.*” (15:33) “*A graça do Nosso Senhor Jesus Cristo seja com todos vós. Amém*” (16:24), “*Ao Deus único e sábio seja dada a glória por meio de Jesus Cristo, pelos séculos dos séculos, Amém.*” (16:27). As respostas a este “problema” têm sustentado que a Epístola original era composta de 14 capítulos apenas sendo os dois últimos uma inserção posterior, segundo afirma Davidson.¹⁴

Sobre estes dois últimos capítulos, duas teorias são propostas por Davis¹⁵ : a primeira proposição é que teria sido feito um resumo destinado a circular entre as igrejas, omitindo as referências locais como “em Roma” (1:7-15) e os dois últimos capítulos por se tratarem de referências e recomendações pessoais, posição sugerida também por Gundry¹⁶ onde as saudações e recomendações pessoais foram excluídas afim de adaptar a epístola à circulação geral por toda a igreja. Esta abreviação teria sido feita por Márcion (um herege do século II), ou ainda teria se perdido a parte final da carta; e a segunda proposição é que o capítulo 16 não é parte integral da carta, mas uma nota adicional fazendo recomendação especial e pessoal à Febe não à igreja de Roma, mas de Éfeso.

¹⁴ DAVIDSON – F. O Novo Dicionário da Bíblia, 1997. P. 1153.

¹⁵ DAVIS- Jonh D. Dicionário da Bíblia, 1977. P. 516

¹⁶ GUNDRY – Robert. H. Panorama do Novo Testamento, 1978. P. 327

O capítulo 15 não pode ser facilmente destacado do capítulo 14 , visto ser ele a continuação, feita antes, dos apelos de espírito de abnegação cristão daqueles que eram valentes na fé. Ademais, o capítulo 15 conclui com uma bênção no v. 33, semelhante à que se vê na parte final de outras cartas escritas pelo mesmo apóstolo, como por exemplo: II Co. 13:11; I Ts. 5:23; II Ts. 3:16 e Fl. 4:9.

Quanto ao fato do capítulo 15 ser concluído com a bênção e a mesma ser repetida em outras partes do capítulo 16, não constitui maiores problemas textuais, pois Paulo estava abordando um tratamento pessoal e individualizado aos seus destinatários.

Sobre o capítulo 16 ser uma carta de recomendação a Febe à igreja de Éfeso, críticos como Champlin¹⁷ apresentam as dificuldades em associa-lo ao restante da carta:

a – Em contraste com o décimo quinto capítulo, o capítulo dezesseis não apresenta uma continuação suave e natural em relação à primeira parte da epístola, pelo menos no que diz respeito ao seu conteúdo.

b – Outra dificuldade diz respeito à questão da saudação. Sabemos que Paulo não tinha contatos pessoais com a igreja cristão de Roma. No entanto, esse décimo sexto capítulo encerram muitas saudações que parece indicar que ele conhecia pessoalmente as pessoas a quem ele se dirigia, sem importar qual igreja exata à qual ele se dirigia. Vinte e cinco indivíduos e duas famílias são ali saudadas. Como Paulo poderia conhecer ali tanta gente sem nunca ter estado em Roma? A forma de tratamento empregada pelo apóstolo aos saudados exprime uma amizade intensa e não superficial, não casual: “Saudai meu querido Epêneto, primícias da Àsia...”, “Saudai a Adrônico e a Júnias, meus parente e companheiros de prisão...” , “Saudai Anplíato, meu dileto amigo no Senhor.”; Urbano é

¹⁷ CHAMPLIN – Russel Normam. O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo, 1995. Vol III p. 562

descrito como “nosso cooperador em Cristo”. A mão de Rufo figura também como a “mãe” do apóstolo Paulo. Em face de razões sililares, levanta-se naturalmente a pergunta: “Será possível que tantas pessoas bem conhecidas de Paulo subseqüentemente se tenha mudado para Roma, tendo sido saudadas de forma tão afetuosa por Paulo? A esta questão Champlim propõe a seguinte possibilidade:

Não parece mais plausível supormos que, na realidade Paulo escrevia esta pequena epístola ou saudação, apresentando Febe para levar alguns avisos para a igreja localizada em outro lugar qualquer, talvez em Éfeso? Priscila e Áquila haviam trabalhado em Éfeso em companhia de Paulo e provavelmente continuavam morando ali, e Epêneto é distintamente vinculado à Ásia, da qual região, Éfeso era a principal cidade.¹⁸

Não obstante, a suposição de que o décimo sexto capítulo de romanos, denominado pelo autor supra citado de *pequena epístola* tenha sido realmente enviada a Éfeso se esbarra em inúmeras dificuldades, principalmente em face da ausência de qualquer designação específica de destino.

O ponto de vista histórico, porém, a despeito das críticas textuais, aceita a Epístola enviada aos Romanos como uma carta completa, escrita de uma só vez pelo apóstolo Paulo de Corinto, transmitida a nós até hoje em toda a sua integridade. Todas as teorias de fragmentação textual caem por terra em face da unidade da mensagem.

5- OCASIÃO –

Porque Paulo teria escrito à igreja de Roma, visto que nem ele nem nenhum dos outros apóstolos fundara aquela igreja e nem mesmo nunca a visitara antes? É a carta um tratado teológico ou simplesmente uma carta ocasionada por circunstâncias da carreira de Paulo? Pode ser, de algum modo uma e outra coisa, mas o ponto é se o apóstolo quis, por

¹⁸ CHAMPLIN – Russel Normam. O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo, 1995. Vol III

iniciativa própria, expor o evangelho que pregava, ou se tomou da pena para escrever uma carta ditada por problemas iminentes. Na resposta a estas questões, Davidson argumenta:

Há quem pense que Paulo sentia estarem contados os seus dias, pelo que desejava deixar à posteridade uma declaração definitiva daquilo que pregava. Admite-se que a doutrina do apóstolo foi mau compreendida em seus dias, sendo atacada, nunca deixando de ter críticos (especialmente nas fileiras do judaísmo), não havendo sido jamais apresentada de uma forma sistematizada. Sugere-se, portanto, que Romanos é o documento do testamento final do grande apóstolo dos gentios. Além disso, argumenta-se que a igreja de Roma era a depositária que convinha deste documento oficial autorizado. A forma lógica e teológica da epístola, que é a mais sistemática, mais raciocinada e mais doutrinária de quantas cartas que Paulo escreveu, não oferece base para a teoria formal.¹⁹

Não parece provável, porém, que Paulo estivesse preocupado com o pouco tempo que talvez lhe pudesse restar., como que sentisse “escaparem-se as areias do tempo” e sua carreira prestes a terminar, de modo que fosse necessário deixar um sistema de Teologia à posteridade; nem tão pouco é possível sustentar que, apesar do vasto conteúdo teológico, Romanos seja menos importante que as demais cartas escritas pelo apóstolo, ao contrário, o ensino da epístola aos romanos é completo à luz do ensino das demais.

Indubitavelmente, certas circunstâncias imediatas sugerem o motivo que impeliu o apóstolo à produção dessa epístola:

A – O desejo do apóstolo de visitar os crentes de Roma, expresso várias vezes no decorrer da carta: (1:10-14; 14:22; 15:32)

B – Uma exposição clara acerca da condição de morte espiritual (3:28) incluindo todos os homens, quer sejam judeus quer gentios, colocando-os todos debaixo de uma mesma

¹⁹ DAVIDSON – F. O Novo Dicionário da Bíblia, 1997. P. 1153.

realidade de alienação de Deus, combatendo talvez um problema interno que era comum nas igrejas neotestamentárias, normalmente provocados por judaizantes . A solução para esta alienação é apresentada dentro da exposição que o apóstolo faz da soberania de Deus em eleger um povo específico sem configurações étnicas e raciais, mas composto de todas etnias e raças e sobre eles aplicar a obra de redenção.

C – A intenção de Paulo de continuar sua obra missionária, voltando agora seus olhos para o ocidente, desejando chegar até à Espanha, entendendo que sua tarefa no oriente já está concluída, imbuído no desejo de chegar até “aos confins do mundo”; este interesse levou-o a apelar aos crentes de Roma que o apoiassem nesse empreendimento, considerando ser Roma um verdadeiro centro estratégico e sua comunidade cristã é um grupo influente naquele sentido. (15:24,28)

D - Dificuldades práticas de caráter ético, enfrentadas pelos crentes também podem ser arroladas como necessidade de uma palavra de orientação do apóstolo. A seção ética do capítulo quatorze e primeira parte do capítulo quinze evidencia isto.

Há, porém, outras necessidades que ocasionaram a escrita da carta, as quais o apóstolo as esboçam em cunho doutrinário e teológico, estas descreveremos no próximo ponto, dentro dos propósitos da carta.

PROPÓSITOS –

A epístola aos Romanos é composta de um profundo tratado teológico que espousa de forma maravilhosamente clara, importantes doutrinas cristãs, excetuando apenas a primeira parte do capítulo um, onde o apóstolo faz a saudação à igreja, o capítulo quatorze e parte do quinze, onde são descritas observações de caráter ético e o capítulo dezesseis, todo dedicado à saudações e recomendações pessoais e bênção final. Na exposição dos

propósitos da carta, seguiremos a seqüência proposta por Champlin²⁰ e Stott²¹, onde são evidenciados os objetivos primários e secundários do postulado doutrinário – teológico, suas orientações de caráter prático e suas intenções em obter o apoio daquela igreja para a obra missionária na Espanha:

A – Os argumentos de Paulo sobre a justificação pela fé, descritos nos capítulos primeiro ao quinto não eram meramente de natureza informativa ou didática. Seus argumentos sobre o referido tema eram explicitamente *apologéticos*, ou seja, era uma ferrenha oposição aos judaizantes que atuavam em Roma, os quais sentiam obrigação ante as leis cerimoniais mosaicas. bem como ante o conceito de salvação através de obras, formalidades e ritos religiosos. A carta mostra que as bênção decorrentes da aceitação do Evangelho não são prerrogativas dos judeus somente, mas envolve tanto judeu como gregos (1: 16).

B – Na igreja de Roma tinham surgido dificuldades de natureza doutrinária e prática; e Paulo havia tomado conhecimento desses problemas. Alguns dos membros gentios da igreja abusavam da liberdade cristã, participando de alimentos oferecidos à ídolos e fazendo outras coisas perniciosas, que eram especialmente ofensivas para o seguimento judaico daquela igreja. (capítulos décimo quarto e décimo quinto).

C - Muitos questionamentos entre os cristãos de origem judaica acerca da posição da nação de Israel aos olhos de Deus, bem como da validade das promessas feitas aos patriarcas, uma vez que a nação havia rejeitado o Messias. Tal rejeição significava seriam rejeitados irrevogavelmente por Deus? Esta é a questão tratada no capítulo décimo primeiro, como resposta à esta indagação dos crentes judeus.

²⁰ CHAMPLIN – Russel Normam. O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo, 1995. Vol. III p. 559

²¹ STOTT, John. Romanos, 2000, p. 31

D – Novos conceitos e idéias são apresentados, a medida em que são esclarecidas as questões de justificação e santificação, transformação dos santos à imagem de Cristo e herança que possuem Nele e o lugar da fé na aplicação destas verdades doutrinárias. (capítulos um a seis). Os capítulos oito a doze destaca de modo maravilho a inescrutável soberania de Deus em escolher os que seriam alvos de Seu beneplácito e graça e aplicar neles a sua justiça realizada por meio de Cristo.

E - A epístola possui também propósitos didáticos, uma vez que nem tudo que o apóstolo escreveu visou dar solução a problemas de ordem específica. Os estudos sobre a doutrina da graça e da fé (cap. 1 - 5), sobre a vida piedosa e graça de Deus (cap. 6), questões sobre o matrimônio (cap. 7) e sua secção prática geral sobre a moral e a conduta cristã (cap. 12 a 15), tem por objetivo ensinar, informar e iluminar, e não meramente resolver problemas específicos.

F – O grande interesse de Paulo, porém, ao escrever aos Romanos era buscar na igreja de Roma, o apoio necessário para estender sua missão aos gentios indo até à Espanha. Ele estava para ir em Jerusalém (Rm15:25), no entanto seus olhos permaneciam na Espanha (Rm.15:24).o apóstolo já considerava cumprida a sua missão no oriente: Macedônia, Acaia, Galácia e todas as regiões onde havia plantado igreja. Seu interesse agora era o ocidente.

O interesse por Roma, além de poder visitar a igreja ali, jazia no fato de Roma estar situada entre Jerusalém e Espanha. Roma seria o lugar onde o apóstolo receberia o apoio para avançar com a obra missionária, depois de ter ido a Jerusalém. Assim, Paulo cumpriria estrategicamente duas missões importantes: visitar Jerusalém levando a oferta angariada nas igrejas da Macedônia e Acaia, bem como, visitaria Roma, estabelecendo ali, um ponto de apoio para a sua missão no ocidente. Sobre este ponto Stott destaca:

Se o destino imediato de Paulo era Jerusalém, seu destino definitivo era a Espanha. Fato é que a evangelização das quatro províncias da Galácia, Ásia, Macedônia e Acaia estava completa, uma vez que desde os arredores de Jerusalém até o Ilírico (aproximadamente a moderna Albânia) ele havia pregado o evangelho “plenamente” (15:19b). E agora, o que faltava? Sua ambição que na verdade ele havia estabelecido como política, era evangelizar apenas “onde Cristo ainda não fosse conhecido”, de forma que não “estivesse edificando em alicerce de outro” (15:20). Agora, pois, ele conjugava essas duas coisas (o fato e a política) e concluiu que não havia mais “nenhum lugar em que precisasse trabalhar” (15:23). Por isso seu alvo agora era a Espanha, que era considerada uma parte da fronteira ocidental do Império Romano, e onde, até onde ele sabia, o evangelho não havia ainda penetrado.²²

Assim, Paulo une o útil ao agradável: visita a igreja de Roma, onde aliás ele tinha muitos amigos e pessoas conhecidas (conf. cap. 16) e fala de seus projetos àquela igreja, pressupondo o auxílio dela para a sua Missão à Espanha. Por isso ele pede que os romanos o “assista em sua jornada” (15:24), solicitando assim daquela igreja, presumivelmente, o seu encorajamento, orações e apoio financeiro.

Portanto, além do interesse do apóstolo pelos Romanos para obter através daquela igreja a sua base estratégica de apoio para alcançar o ocidente, a carta apresenta uma exposição ordenada de grandes verdades da doutrina cristã, além de apresentar soluções a problemas específicos; reunindo facções em luta, especialmente em função do legalismo e dar sábias orientações ético – morais. O apóstolo Paulo, neste momento de seu ministério, compõe uma obra maravilhosa de caráter predominantemente teológico doutrinário, numa

²² STOTT, John. Romanos, 2000, p. 31.

missiva didática onde são expostas em larga escala, grandes e distintivas verdades da fé cristã.

V - DENOMINANDO

1.16

Οὐ - advérbio de negação – de ου ² **não**

γάρ - conjunção causal pós positiva – de γαρ – **pois**

ἐπαισχύνομαι - verbo, presente do indicativo, voz média, 1 pessoa do singular – de

ἐπαισχυν - **envergonho**

τὸ - artigo definido, acusativo, neutro, singular – **do**

εὐαγγέλιον - substantivo, nominativo, neutro, singular – **evangelho**

δύναμις – substantivo, nominativo, singular, feminino de δυναμις - **poder**

γάρ - conjunção causal póspositiva – **porque**

θεοῦ - Substantivo, genitivo, masculino, singular – **Deus**

ἐστίν – Verbo, presente, indicativo, voz ativa, terceira pessoa do singular – de

εἰμι - **é**

εἰς – Preposição, acusativo – **para**

σωτηρίαν - Substantivo, acusativo, feminino, singular, de σωτηρια - **salvação**

παντ – Adjetivo, dativo, masculino, singular, de πασ **todo**

τῷ - Artigo definido, dativo, masculino, singular, de ο – **de**

πιστεύοντι, - Verbo, participípio, presente voz ativa, dativo, singular, de πιστευο -

crê ou crendo

Ἰουδαίῳ - adjetivo, dativo, masculino, singular, de Ἰουδαίος ὁ **judeu**

τε – Conjunção cordenativa, de τε - **e**

πρῶτον ὁ **primeiro** adjetivo adverbial ordinal, de πρῶτος –

καὶ – Conjunção ilativa – de καὶ ὁ **e**

Ἕλληγι. – Substantivo, dativo, masculino, singular, de Ἕλληγι ὁ **grego**

1.17

δικαιοσύνη – Substantivo, nominativo, feminino, singular, de δικαιοσύνη ἡ

justiça

γὰρ ὁ **porque** conjunção causal própositiva – de γὰρ ὁ

Θεοῦ - Substantivo, genitivo, masculino, singular – de Θεοῦ ὁ **Deus**

ἐν – preposição, locativo (dativo), **em** – (dentro de)

αὐτῷ - pronome, dativo, neutro, singular, 3. Pessoa – de αὐτοῦ ὁ **nele**

ἀποκαλύπτεται – Verbo, indicativo, presente, voz passiva, 3. Pessoa,

singular, de ἀποκαλυπτω ἡ **revelada**

ἐκ - preposição com ablativo, singular – **de**

πίστεως ^ς Substantivo, genitivo, feminino, singular, de πιστις - **fé**

εἰς – Preposição, acusativo, de εἰς ^ς **em**

πίστιν, - Substantivo, acusativo, feminino, singular, de πιστις – **fé**

καθὼς – Conjunção subordinativa, de καθὼς, **conforme**

γέγραπται, - Verbo, perfeito indicativo, voz passiva, 3. Pessoa, singular, de
 γραφω - **escrito**

ὁ – Artigo definido, nominativo, masculino, singular, de ο – **o**

δὲ - Conjunção fracamente adversativa póspositiva – **e**

δίκαιος ^ς adjetivo, nominativo, masculino, singular, de δικαιοσ ^ς **justo**

ἐκ ^ς preposição, genitivo, de εκ ^ς **de**

πίστεως - Substantivo, genitivo, feminino, singular, de πιστις – **fé**

ζήσεται. – Verbo, futuro, indicativo, voz passiva, 3. Pessoa, singular, de ζαω
viverá

VI - ASPECTOS GRAMATICAIS ESPECIAIS

A – VERBOS

1- ἔπαισχύνομαι – presente, indicativo, voz média, 1ª pessoa, singular, de ἐπαισχύνω
envergonho.

A colocação verbal *envergonho* estando no presente do indicativo e na voz média, indica uma ação contínua onde o autor a pratica em benefício próprio, conforme o conceito de presente do indicativo que indica uma ação contínua ou num estado incompleto e de voz média que é quando o sujeito pratica a ação em benefício próprio, assim definido por Rega.²³

Assim, Paulo não se envergonha e continua não se envergonhando do evangelho pelo fato do evangelho se constituir no poder de Deus.

2- ἔστιν - presente, indicativo, voz ativa, 3ª pessoa singular de εἰμι – *é*.

O verbo εἰμι aqui encontra-se conjugado no modo indicativo, tempo presente, que conforme Rega²⁴ indica uma ação contínua, durativa e estando na voz ativa, ou seja, indicando que, como é o autor que pratica a ação, neste caso, o evangelho é e continua sendo o poder de Deus.

3 – πιστεύονται, - presente, particípio, voz ativa, dativo, singular, de πιστεύω – *crê*.

O verbo πιστεύω encontra-se aqui conjugado no modo particípio, tempo presente, expressando a idéia de qualidade de qualidade de ação de caráter durativo.²⁵

²³ REGA – Lourenço Stelio – Noções do Grego Bíblico. 3 ed. São Paulo: Vida Nova, 1995. P. 14 e 17.

²⁴ Ibid. p. 17

²⁵ Ibid. p. 93

O fato do verbo encontrar-se no caso dativo, que indica que a palavra na frase possui uma função sintática de interesse pessoal.²⁶

Assim, é então ressaltado o benefício ímpar da salvação concedido à todos os que crêem no evangelho.

4 – ἀποκαλύπτεται – Presente, Indicativo, Voz passiva, 3ª pessoa do singular, de

αποκαλυπτω - *revelada*.

O verbo αποκαλυπτω, aqui conjugado no modo indicativo, tempo presente, voz passiva, que indicam uma ação continuada sofrida pelo sujeito, respectivamente; enfatiza a idéia de que é através do evangelho que a justiça de Deus é revelada, não havendo, portanto outro meio de justificação com o qual se possa crer para a salvação.

5 – γέγραπται – Perfeito (2º perfeito), Indicativo, Voz passiva, 3ª pessoa, Singular, de

γραφω - escrito.

O verbo γραφω aqui conjugado no tempo perfeito, faz parte do 2º perfeito ou perfeito forte por não levar o κκαπα, característica básica na formação do perfeito²⁷

Rega²⁸ e Scalkwijk²⁹ destacam que o significado do tempo perfeito em grego é combinar uma ação pontiliar e uma ação durativa e expressar, geralmente no indicativo, o efeito ou o estado no presente como resultado de uma ação no passado, indicando assim, uma ação completa.

No texto, o referido verbo é empregado em uma sentença fraseológica onde está sendo apontado o resultado de uma ação e não o seu processo: “como está escrito”, sendo

²⁶ REGA – Lourenço Stelio. Noções do Grego Bíblic, 1995 p. 33

²⁷ ²⁷ Ibid. P. 126

²⁸ Ibid. p. 123

²⁹ SCALLWIJK – Frans Leonard. Coinê – Pequena Gramática do Grego Neotestamentário, 1994. P. 98

assim, um perfeito intenso, conforme sugere Rega³⁰ ao tratar deste tema em sua obra *Noções do grego bíblico*.

Portanto, o pensamento de Paulo ao se referir ao Antigo Testamento acerca de algo que já fora dito está dizendo que a justiça de Deus que é revelada de fé em fé no evangelho é o resultado de uma ação realizada de forma definitiva, prevista, descrita e ocorrida no passado mas que produz e continua produzindo resultados.

6 – ζήσεται – Futuro, Indicativo, Voz passiva, 3ª pessoa, Singular, de ζάω – *viverá*.

O verbo ζάω - conjugado aqui no futuro do indicativo, voz passiva indica o modo como será a vida dos que crêem no evangelho que revela a justiça de Deus. Uma vida ininterrupta que não apenas durará por algum tempo, mas que continuará para sempre.

B – CASOS DOS SUBSTANTIVOS .

É relevante a análise dos casos dos substantivos no texto em questão uma vez que a definição destes, lança luz à compreensão do pensamento do autor.

1 – Nominativo -

εὐαγγέλιον – Substantivo, nominativo, neutro, singular – *evangelho*.

O substantivo acima classificado no caso nominativo. Sobre o significado do caso do substantivo, Rega diz:

Caso é a propriedade que indica a função sintática – sujeito, objeto direto, indireto, etc. que o substantivo exerce na frase. Caso, portanto, é a flexão dos substantivos que tem o propósito de expressar as relações entre as palavras de uma frase.³¹

³⁰ REGA – Lourenço Stelio. *Noções do Grego Bíblico*, 1995 P. 32

³¹ *Ibid.* p. 123.

O caso nominativo no substantivo indica que ele desempenha o papel de sujeito da oração. Isto é atestado por Luz³² que afirma que o nominativo é a forma que o substantivo usa para exercer o papel de sujeito da frase. Esta afirmação também é atestada por Rega e Schalkwijk. Logo, Paulo, ao colocar o evangelho como sujeito de seu enunciado, o apóstolo está enfatizando que todas as demais ações e fatos desenvolvidas no decorrer deste texto terão como foco; o sujeito como causador de todas os fatos por ele afirmados. Assim Paulo está dizendo que do que ele não se envergonha é o evangelho; que a fonte do poder de Deus para a salvação é o evangelho, que o poder para a salvação de todo aquele que crê é o evangelho e que no evangelho é revelada a justiça de Deus.

3- Genitivo –

Segundo Schalkwijk³³ há vários tipos de genitivo. O substantivos que aparecem neste texto de Rm. 1:16-17 são classificados como genitivo subjetivo, que indica posse, procedência e é o tipo genitivo que indica o sujeito.

Θεοῦ – Substantivo, Genitivo, masculino, singular – *Deus*.

O uso do substantivo no caso genitivo assinala papel de posse. Esta afirmação é compartilhada por todos os autores consultados neste trabalho: Rega, Luz e Schalkwijk..

Há dois substantivos no texto que são nomes próprios mas que estão no genitivo, o substantivo Θεοῦ - *Deus*.

³² LUZ – Waldir Carvalho. Manual de Língua Grega. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1991. VI. I p. 69.

³³ Schalkwijk – Frans Leonard. Coinê – Pequena Gramática do Grego Neotestamentário. 7 ed. Patrocínio: CEIBEL, 1994. P 165

A primeira vez onde ocorre o uso deste caso é no segundo período da frase: *por que é o poder de Deus*. Pelo fato de θεοῦ estar no genitivo, o que Paulo está dizendo enfática e categoricamente de forma absolutamente clara que o **poder** no qual se constitui o evangelho para a salvação de todo aquele que crê é de Deus. Somente Deus é o detentor da posse deste poder e tal poder vem somente dEle, pois sendo Deus a fonte de todo poder, logo o poder se origina dEle e só a Ele pertence. Assim sendo, poderíamos pensar que o apóstolo teria escrito este texto com este substantivo contendo tanto a idéia de posse, caso genitivo, como a idéia de origem, caso ablativo³⁴, que aliás são duas idéias que, neste caso específico não são excludentes. Para este caso, porém, é melhor aplicado o genitivo subjetivo que indica que o poder para a salvação encontra-se no evangelho, no entanto, este poder é procedente de Deus.

A Segunda vez que o genitivo ocorre com o mesmo substantivo, θεοῦ, é na afirmação *porque no evangelho é revelada a justiça de Deus*. A mesma idéia de posse ocorrida na primeira afirmação é destacada aqui. Paulo está dizendo que a justiça revelada no evangelho não é a sua justiça, não é a justiça dos homens, da lei ou do governo civil humano, mas a justiça revelada no evangelho é a justiça de Deus. Ressalta-se, porém, a classificação do genitivo subjetivo neste caso, que indica uma justiça que tem nascedouro, procede e pertence a Deus, mas que é imputada sobre nós.

4 - PREPOSIÇÕES -

³⁴ REGA – Lourenço Stelio. Noções do Grego Bíblico. 3 ed. São Paulo: Vida Nova, 1995. P.33

Segundo Rega³⁵ preposição é a palavra que avalia o substantivo a expressar seu caso ou função na oração.

No texto em estudo, destacamos as preposições para ressaltar seus significados e sentidos com o qual e para qual foram empregadas pelo autor.

εἰς - *para*

Preposição regida por acusativo, caso que expressa idéia de extensão³⁶. Esta preposição precede o substantivo σωτηρίαν que encontra-se no acusativo, logo rege a preposição que o antecede.

Assim, o que Paulo deseja falar é que a salvação é estendida à todo aquele que crê, conformando-se com clássico Jo. 3:16 que também apresenta a preposição εἰς no caso acusativo dando uma idéia de extensão: “ ... *para que todo aquele que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna.*”

ἐν – *nele* – (no evangelho)

Um aspecto gramatical relevante se destaca no uso desta preposição neste texto de Paulo, uma vez que na ocorrência da referida preposição há a indicação da possibilidade do uso de três casos.

O pronome que sucede a referida preposição, αὐτῷ, vem a tratar-se de um neutro, dada a sua terminação (ῷ) e por conseguinte tanto pode se classificada por locativo, como por instrumental ou dativo.

³⁵ REGA – Lourenço Stelio. Noções do Grego Bíblico, 1995. P. 51

³⁶ Ibid. p. 33

a – ἐν αὐτῷ – regido por instrumental –

Se a expressão, preposição / pronome for interpretada usando o caso instrumental, caso que segundo Rega³⁷ indica o meio pelo qual a ação verbal é realizada; o sentido então, que o autor deseja expressar é que o evangelho, o sujeito da oração, é o meio, o instrumento pelo qual é revelada a justiça de Deus.

b – ἐν αὐτῷ - regido por dativo

Se a expressão, pronome / preposição for interpretada com o uso do dativo, caso que indica interesse pessoal (vantagem ou desvantagem)³⁸; teremos então a idéia expressa de que é interesse do evangelho revelar a justiça de Deus.

Não nos parece apropriado o emprego deste caso para a tradução desta expressão pelas seguintes razões:

- O interesse do evangelho não é revelar apenas a justiça de Deus, mas também o seu amor, a sua misericórdia e graça manifestadas em Jesus Cristo, o Filho unigênito do Pai, através do qual é assegurada a salvação de todo aquele que crê.
- Não seria coerente com as normas gramaticais o uso de uma preposição que por regra é regida somente por um caso, o locativo, como é o caso da preposição eis³⁹, associado à outra palavra que esteja em outro caso. Atestando esta impossibilidade Rega destaca:

As preposições não governam os casos , mas apenas auxiliam os substantivos a expressar o seu relacionamento com o verbo ou outras partes da oração.⁴⁰

c - ἐν αὐτῷ regido por locativo –

³⁷ REGA – Lourenço Stelio. Noções do Grego Bíblico, 1995. p.51

³⁸ Ibid. p. 33

³⁹ Ibid. p. 52

⁴⁰ Ibid. p. 51

A preposição ἐν, segundo Rega⁴¹, é regida apenas pelo caso locativo, que exprime a idéia de lugar sendo traduzida por em e nos parece ser a forma mais apropriada para a tradução deste texto.

Assim sendo, a expressão ἐν αὐτῷ, sendo traduzida no caso locativo, exprime, portanto, a idéia de que no evangelho e nele somente é o lugar onde a justiça de Deus é revelada.

Ao afirmar que somente no evangelho é revelada a justiça de Deus, Paulo está partindo do princípio do conceito de Evangelho que ele tinha; ele sabia que o evangelho é de Jesus Cristo, Filho de Deus, (Mc. 1:1) as boas novas, as boas notícias do Filho de Deus, boas notícias de redenção justificação e salvação e que neste evangelho está todo o arcabouço das verdades acerca da salvação. Ele já havia dito aos Gálatas que o único evangelho digno de crédito é o evangelho de Cristo e que quem pregasse outro evangelho diferente deste deveria ser anatemizado (Gl. 1:7-8). Logo, era muito claro para Paulo o lugar, a fonte de toda revelação da justiça de Deus: o evangelho, o arcabouço onde está registrada toda esta revelação.

ἐκ - de

Segundo Rega⁴² esta preposição é regida somente pelo caso ablativo e é traduzida por de, de dentro de. Com ele concorda também Chamberlain⁴³ que acentua: “ Em o Novo Testamento, é esta preposição usada somente com o ablativo.”

⁴¹ REGA – Lourenço Stelio. Noções do Grego Bíblico, 1995. p 51

⁴² REGA – Ibid.. p. 51

⁴³ CHAMBERLAIN. W.D. Gramática exegética do Grego Neo Testamentário, 1989. P. 56

Na frase em questão o substantivo também está no caso ablativo, combinando assim com a preposição que por regras gramaticais somente são regidas pelo caso ablativo. Assim, ao afirmar que ‘Ο δὲ δίκαιος ἐκ πίστεως ζήσεται, *mas o justo viverá (de) pela fé*, o apóstolo Paulo está afirmando, ao lançar mão de uma citação do Antigo Testamento, onde o povo de Judá é encorajado a viver pela fé devido a uma situação de execução do juízo de Deus sobre eles, que o homem justificado pela justiça de Deus poderá viver, pela fé, em meio a um mundo maldito e sujeito ao pecado.

No entanto, esta fé que garante a vida do justo não é uma fé causal e nem a base objetiva da justificação, meio pelo qual é possibilitada a vida, mas esta fé é sim instrumental e a condição subjetiva para esta vida. Tal qual o alimentar-se é a condição para a nutrição, ou seja, o poder alimentício se encontra no alimento, que para produzir algum resultado precisa ser ingerido e digerido; assim também o poder salvador encontra-se na Pessoa do Senhor Jesus Cristo e não na fé. Entretanto para receber o Senhor Jesus Cristo, fonte de toda a vida é somente através da fé, que é concedida também por Deus para que nos apropriemos da justiça de Cristo e vivamos.

Assim, a melhor tradução para a sentença ‘Ο δὲ δίκαιος ἐκ πίστεως ζήσεται é **mas o justo viverá pela fé** e não o justo viverá **de** fé, por ser esta o meio pelo qual se apropria da justiça de Cristo e não a fonte desta justiça. A fé não é a causa, mas o instrumento pelo qual se apropria desta justiça.

Todavia, para sermos coerentes com as regras gramaticais, onde ΕΚ somente é regido por ablativo, não se agrupando a nenhum outro caso e por conseguinte permitindo somente a tradução “de”. Ainda mais que o substantivo que sucede a referida preposição

encontra-se no ablativo. Assim a nossa tradução, fazendo jus às regras gramaticais é ' Ο δὲ δίκαιος ἐκ πίστεως ζήσεται " mas o justo viverá **de** fé."

VII - PALAVRAS CHAVES

1- Substantivo – εὐαγγέλιον

O termo εὐαγγέλιον significa boas novas, boas notícias. O Novo Dicionário da Bíblia⁴⁴ diz que na literatura clássica essa palavra designava a recompensa dada pela entrega de boas notícias, e sua transferência posterior significando as próprias boas notícias pertence ao Novo Testamento e à primitiva literatura cristã.

O DITNT (Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento) destaca que a palavra evangelho é derivada do substantivo αγγελος que significa mensageiro, que por sua vez deriva-se αγγελω - anunciar. Assim, εὐαγγέλιον originalmente significa mensageiro, aquele que anuncia.

O substantivo εὐαγγέλιον tem significância de mensagem. Sobre isso, o DITNT destaca:

εὐαγγέλιον significa: a) “recompensa” que se paga ao mensageiro da notícia da vitória (suas boas novas trazem alívio aos que a recebem, e por isso, é recompensado; b) a própria mensagem, um termo técnico para mensagem de vitória; a conexão do emprego da palavra aos oráculos divinos i. é. a promessa de algum evento futuro; mas é no culto ao imperador romano, uma prática observada na antiguidade, que o substantivo εὐαγγέλιον ganha um sentido religioso⁴⁵.

⁴⁴ O NOVO DICIONÁRIO DA BÍBLIA, 1995 p. 895

⁴⁵ BROWN, Lolita Coenon Colin. Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento, 2000 p. 1148

Assim, numa atmosfera cristã as notícias do nascimento, vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo se traduz na mais excelente das notícias.

O evangelista Marcos chamou o livro que escreveu de “Evangelho de Jesus Cristo; Filho de Deus.” Para ele o evangelho compreende todos os fatos realizados e ensinamentos proferidos por Jesus; tendo, porém, como mensagem essencial a morte e a ressurreição de Jesus, que aliás, é a mensagem enfaticamente anunciada pela igreja primitiva, como o próprio Marcos diz ao declarar que o conteúdo de sua narração é o evangelho, boas notícias de Jesus Cristo, ao mesmo tempo que define o propósito deste evangelho em 1: 15 “o tempo está cumprido e o reino de Deus está próximo, arrependei-vos e crede no **evangelho.**”

É, portanto, uma mensagem de salvação para os que crêem no conteúdo dela. O evento de Jesus Cristo, especialmente sua obra redentora assegura esta salvação a todo aquele que crê; e este conteúdo reveste a mensagem de poder sobrenatural, pois, é a aplicação das verdades contidas nesta mensagem chamada evangelho que garante a salvação tanto para judeus como para gregos.

A mensagem anunciada pelos primeiros arautos do cristianismo, uma mensagem cujo cerne do conteúdo é a obra expiatória e redentora que Jesus veio realizar. Uma obra poderosa e eficaz que reconcilia o homem pecador com o Deus Santo, à medida que é anunciada e o Espírito faz a eficaz aplicação dela no coração dos que foram destinados a recebê-la.

Portanto, é do conteúdo de toda a obra que Jesus veio realizar em favor dos seus escolhidos e que é poderosamente eficaz para a salvação deles que Paulo declara não se sentir envergonhado.

2 – Substantivo δύναμις – poder

Segundo o DITNT ⁴⁶ a palavra poder ocorre 118 vezes no Novo Testamento com relativa freqüência nos escritos de Paulo.

δύναμις – da raiz δυνα – significa poder, potência, força.

Na definição desta palavra, o referido dicionário destaca: A palavra δύναμις sugere a capacidade inerente de alguma pessoa para realiza algo, seja material, político, militar, físico ou espiritual.⁴⁷ Paulo enfatiza ainda mais a experiência no presente da revelação do poder de Deus entendido principalmente em termos do poder que ressuscita espiritualmente os mortos no último dia e da nova vida concedida pela operação do Espírito Santo. Este poder que opera nos últimos dias era percebido em Cristo, o ressuscitado e estando na condição de glorificado é o mediador deste poder.

Ainda sobre o poder de Deus, o DIT destaca:

Reconhecidamente, pode-se deduzir o poder invisível de Deus ao contemplar as obras da criação (Rm. 1:20). Todavia, é a ressurreição de Jesus dentre os mortos que representa a prova escatológica central do poder de Deus (Rm. 1: 4; I Co 5:14). A ressurreição é acompanhada pela glorificação (Ef. 1:20-21) mediante a qual, Cristo fica sendo “o poder de Deus” i. é. a fonte constante disponível de poder de Deus para sua igreja.⁴⁸

Assim, ao declarar que o evangelho é o poder de Deus, Paulo tem em mente a eficaz obra de Cristo envolvendo o anúncio da mensagem, a implantação de uma nova vida, resultando a manifestação desta em conversão e a recepção da justificação. O evangelho é o poder de Deus porque no anúncio de seu conteúdo está o amor de Deus que envia Seu

⁴⁶ BROWN, Lolita Coenon Colin. Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento, 2000 p. 1694

⁴⁷ Ibid. p. 1694

⁴⁸ Ibid. p. 1694-1695

Filho amado para cumprir a lei satisfazendo a justiça de Deus morrendo na cruz e manifestando o poder ao ressurgir dos mortos e concedendo este poder mediante a aplicação da obra redentora aos eleitos. Sobre este tema o DITNT destaca:

O evangelho é eficaz como poder de Deus que traz a salvação porque a mensagem é anunciada com o poder de Cristo, mas sobretudo porque como Palavra de Deus, concede a salvação à todo aquele que ouve e crê. O evangelho é eficaz como poder de Deus porque anuncia o amor de Deus, a quem os homens temem como juiz para a condenação do mundo, amor que foi visivelmente comprovado na cruz, onde Cristo morreu por nós enquanto éramos ainda pecadores (Rm. 5: 8).⁴⁹

Portanto, o próprio evangelho como boa nova de reconciliação, se constitui no poder da salvação, quando é reconhecido e aceito pela fé conforme disse Paulo: “ o evangelho é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê.”

3 - Ἰουδαίῳ - judeu

Segundo o Novo Dicionário da Bíblia⁵⁰ judeu é o vocábulo que originalmente descrevia qualquer habitante de Judá (I Rs. 16:6) e nessa qualidade era também empregado nos textos assírios contemporâneos desde pelo menos o século VIII A.C.

O termo é comumente usado pelos não judeus para referir-se aos hebreus ou descendentes de Abraão em geral. Pelos tempos neotestamentário o emprego da palavra compreendia todos os israelitas descendentes de Abraão.

No texto em questão, antes do substantivo Ἰουδαίῳ aparece o adjetivo adverbial ordinal πρῶτον “primeiro” indicando uma atitude comum à história da igreja

⁴⁹ BROWN, Lolita Coenon Colin. Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento, 2000 p. 1695

⁵⁰ O NOVO DICIONÁRIO DA BÍBLIA, 1995 p. 885

especialmente nas duas primeiras décadas de existência. É bastante claro na Escritura que os primeiros missionários buscavam alcançar primeiramente os judeus. Esta primazia dos judeus aqui destacada por Paulo é atestada também em At. 13:46; 17:22; 18:4, 19 e 19:8.

Champlin⁵¹ destaca as razões específicas pelas quais ao judeu sempre era anunciada a mensagem em primeiro lugar:

a – A grande comissão de At. 1:8 sugere o anúncio primeiro em Jerusalém, depois na Judéia, Samaria, Galiléia, todos territórios de hebreus, só depois então, até aos confins do mundo.

b – Por razão de direito, Jesus era de linhagem judaica e era filho de Abraão e o Messias judeu.

c - Por razão de dever. Pelo fato de terem sido quase todos os primeiros cristãos de origem judaica, tenha os feito sentir o dever de anunciarem, antes de mais nada, aos seus compatriotas.

d – Por causa das palavras proferidas pelo Senhor Jesus: “... de preferência, procurai as ovelhas perdidas de Israel” (Mt. 10:5-6).

e - Por motivo de preconceito. Isto é claro nos capítulos 11 e 15 do livro de Atos, onde os cristãos teriam sentido ser abaixo de sua dignidade e contrário à lei cerimonial mosaica o contato com os gentios, pelos que lhes parecia que a pregação do evangelho aos povos gentílicos era simplesmente impossível.

4 - Ἑλληνι – Grego

⁵¹ CHAMPLIN – Russel Normam. O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo, 1995. Vol. III p. 560

Segundo Davis⁵² o termo “grego” é o nome que designa uma pessoa natural da Grécia, ou pertencente à raça grega.

Ao usar esta expressão, referindo-se à pessoas pertencentes a esta nacionalidade o apóstolo refere-se a um povo que não era judeu enfatizando que o evangelho não é prerrogativa exclusiva dos judeus. É certo que Paulo emprega a expressão para referir-se a todos os outros povos além de judeus, tendo o termo um sentido genérico.

Assim, ao referir-se da extensão do evangelho também aos gregos, Paulo fala do poder de Deus expresso no evangelho alcançando não só judeus, mas também gregos, representando os povos gentílicos indistintamente.

5 – δικαιοσύνη Θεου – justiça de Deus

δικαιοσύνη – justiça, retidão –

A palavra δικαιοσύνη, segundo o DITNT⁵³ que tão claramente destaca a origem, o conceito e o desenvolvimento desta palavra destaca que δικαιοσύνη é derivada de διγχε(castigo). Originalmente o substantivo raiz significava “instrutora”, “instrução”.

Seguindo a ordem proposta pelo referido dicionário, passamos ao desdobramento de compreensão desta palavra:

a – na mitologia grega -

Δικε é filha de Zeus que participava de seu governo no mundo. Zeus faz diferença entre os animais e homens. Aos primeiros deu um νομος (lei – para que se devorassem

⁵² DAVIS- Jonh D. Dicionário da Bíblia, 1977. P. 228

⁵³ BROWN, Lolta Coenon Colin. Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento, 2000 p. 1118

mutuamente) e aos últimos deu Δικε, cuja inimiga implacável é Κριε, a violência. Assim, o significado básico religioso, apreendido da mitologia grega, Δικε é uma força cósmica elemental que os homens considera superior a eles mesmos. Não um padrão imposto por Deu, mas algo imanente da natureza da existência e que relaciona com o convívio humano na sociedade.

Depois de Homero, o termo já era também considerado como uma expiação ou punição ou como sendo a deusa do castigo que perseguia os malfeitores.

Para Platão e os filósofos que viveram depois dele é justo e aprovado a existência de várias classes sociais com graus diferente de poder e que cada um tomasse sobre si aquilo que era próprio de sua posição. Noutras palavras, Δικε adquiriu a classificação de fundamento axiomático e inabalável de toda a vida humana.

O homem justo (δίκαιος) originalmente era aquele cujo comportamento se encaixava no contexto da sociedade e que cumpria suas obrigações religiosas e para com o seu próximo, sendo a observância dessas práticas o que o diferenciava dos injustos.. a arrogância e o comportamento incivilizado não eram consoantes com o caráter de um homem justo, e portanto, o termo δίκαιος ζω (vida reta) se aplica ao modo civilizado de vida, que fazendo contraste com o barbarismo, aderiu às regras de uma sociedade ordeira.

Num período posterior é ressaltado o aspecto jurídico da palavra e δίκαιος ganha um sentido de “justo” no que diz respeito à lei.

O substantivo δικαιοσύνη (sendo que συνε indica uma abstração sendo uma formação posterior). O termo é empregado no sentido que denota a qualidade do homem justo e indica também o padrão que o juiz é obrigado a sustentar.

b – No Antigo Testamento –

O substantivo δίκαιος, muito freqüente na LXX (Septuaginta) está ligado ao grupo de palavras hebraicas baseada em שָׁדַק e corre 462 vezes no Antigo Testamento. δικαιοσύνη, normalmente traduzida por חֶסֶד וְאֱמֻנָה e um pouco menos freqüente por תְּשׁוּבָה (ocorre cerca de 200 vezes) é traduzida por justiça, retidão e é empregada com este sentido deste os tempos patriarcal, onde é destacada uma vida reta, de conformidade com os padrões estabelecidos por Deus.

No período pré exílico o acesso a justiça de Deus era negado à pessoas cujo padrão de vida não estava a altura de Deus e no período pós exílico, δικαιοσύνη era entendida analisando a justiça do homem que nada vale em contraste com a justiça de Deus e que estes dependem exclusivamente da misericórdia de Deus.

O conceito de justiça extraído da raiz hebraica שָׁדַק não traz um sentido estritamente jurídico. O homem é justo à medida que age de conformidade com o pacto que o une a Deus. Deus é justo na extensão em que se manifesta em consonância com a aliança que foi estabelecida e a justiça de Deus são os atos de poder que são realizados em favor de seu povo; podendo também exercer justiça, sendo Deus justo, intervindo contra o seu povo executando punição quando este é infiel à aliança. Um exemplo desta manifestação de justiça de Deus é punição do povo com o cativo assírio e babilônico.

No entanto, o desenvolvimento da compreensão de δικαιοσύνη foi sendo ampliado á medida em que a justiça de Deus se contrasta com a “justiça” do homem. A justiça de Deus é encarada com base no seu caráter expresso nas exigências da Lei e suas ações demonstradas em favor de seu povo. Ao contrastar o caráter do homem e suas ações com caráter e atitudes de Deus, δικαιοσύνη adquire um sentido mis judicioso, uma vez que coloca o homem à mercê desta justiça e ela ganha então uma sentido forense (judicial).

c – Em Paulo –

Segundo o DITNT⁵⁴, o substantivo δικαιοσύνη ocorre 50 vezes nos escritos de Paulo. É Paulo que faz o emprego em maior intensidade desta expressão, ampliando o seu sentido com relação ao entendimento dela no Antigo Testamento. Para Paulo, a justiça de Deus é essencialmente o modo de Deus tratar o seu povo, baseado na sua aliança. Que assim se constitui numa nova humanidade, um novo Israel composto de judeus e gentios. Esta justiça se revela pelo fato de que os propósitos de Deus não são frustrados pelo pecado do homem, ao contrário, Ele continua sendo Onipotente, tanto como Senhor como Salvador, a despeito da rebeldia do homem. A transgressão e a incredulidade de um homem (G. 3) trouxeram ao mundo a descrença e como resultado todos os homens caíram sob a condenação divina (a justiça de Deus em contraste com a justiça do homem). Agora, porém, o ato justo (δίκαιος) de um só homem (Cristo), sua confiança total naquele que justifica os ímpios desafia a maldição do pecado ao trazer para o mundo a segurança da confiança em Deus. Como resultado da vinda de Cristo a δικαιοσύνη του Θεου (justiça de Deus) é revelada e a δικαιοσύνη (absolvição, o declarar justo) é então efetivada.

O significado de justiça de Deus neste texto, que a introdução de toda a epístola de Paulo aos Romanos é bastante amplo.

Primeiramente, seguindo o conceito de justiça de Deus no Antigo Testamento, a abordagem não será exatamente em termos forenses. Leenhardt⁵⁵ comentando este texto diz que “quando o evangelho é pregado Paulo tem a consciência de ser revelada a justiça

⁵⁴ BROWN, Lolita Coenon Colin. Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento, 2000 p. 1128

de Deus com a eficácia própria dessa revelação”. A afirmação do apóstolo é o evangelho é o poder de Deus para a salvação e que no evangelho é revelada a justiça de Deus. o referido comentarista afirma que “Paulo precisa o sentido de σωτηρίων – salvação com δικαιοσύνη – justiça, salvação aliada à justiça. Salvação e justiça aqui não possuem sentido antagônico”.

Leenhardt⁵⁶ estabelece um paralelo entre o texto de Rm. 1: 17 e o Salmo 98:2 ao tratar de justiça de Deus: O Senhor fez notória a sua salvação, manifestou a sua justiça perante os olhos das nações.” Assim Deus revela sua própria justiça aos olhos das nações; da mesma forma Paulo declara que a justiça é revelada ao judeu e ao grego. Mais interessante ainda, diz o comentarista “é o paralelismo em que o salmista, no verso anterior (1) relatou o poder de Deus (seus milagres, suas vitórias, seu braço santo) em contraste com o que afirma o apóstolo aos Romanos que o Evangelho é o poder de Deus para a salvação.”

Todavia, não é possível olhar para o significado de justiça de Deus neste texto e ignorar o aspecto forense que o envolve. A justiça é um atributo divino. Justiça descreve o caráter de Deus juntamente com suas ações que correspondem ao seu caráter. Ele é o juiz de toda a terra e por isso sempre fará justiça (Gn. 18:25), pois Ele ama a justiça e odeia a iniquidade e a equidade é o cetro de seu reino (Sl. 45:6).

O tema geral de Romanos é a manifestação suprema da justiça pessoal de Deus que se revela na cruz. Stott⁵⁷ diz que “quando Deus apresentou Jesus como sacrifício para propiciação, Ele o fez para demonstrar sua δικαιοσύνη – justiça (Rm. 3:225 e repetido

⁵⁵ LEENHARDT- Franz J. Epístola aos Romanos – Comentário Exegético, 1969. P. 45

⁵⁶ Ibid.

⁵⁷ STOTT, John – A Mensagem de Romanos, 2000 . p. 65

em 3:26) e para que ele mesmo possa ser simultaneamente “justo” e o “justificador” daquele que tem fé em Jesus (3:26 b)”. Isto é confirmado, uma vez que em toda a Carta aos Romanos Paulo assevera acerca da integridade do caráter e do comportamento de Deus. Para Paulo, tudo o que Deus faz, seja em se tratando de salvação, tudo é coerente com a justificação.

A justiça de Deus é entendida como o que Stott⁵⁸ denomina de *conquista divina*. Trata-se de uma justiça que procede de Deus (genitivo possessivo objetivo), um estado de justiça que Deus requer de nós se queremos comparecer diante dEle, que Ele nos propicia através do sacrifício expiatório na cruz, que Ele nos revela no Evangelho e que é concedido gratuitamente à todos que crêem em Jesus Cristo. Este é o sentido em que Paulo usa a expressão “justiça de Deus”.

Não obstante a justiça de Deus ser entendida em termos de atributo divino, i.e. (nosso Deus é um Deus justo); ser entendida também como uma ação divina (Deus vem em nosso socorro, Ele é a nossa justiça e a nossa salvação), é mais coerente com o tema geral de Romanos entendermos a justiça de Deus como *aquisição divina*, outro termo usado por Stott⁵⁹, aquisição em termos forenses, ou seja, Deus nos concede o status de justos, sendo o nosso juiz e ao mesmo tempo, justificador).

Assim, a justiça de Deus é a iniciativa justa tomada por Deus ao justificar os pecadores consigo mesmo, concedendo-lhes uma justiça que não lhes pertence, mas que vem do próprio Deus. A justificação de Deus é a justificação justa do injusto através da qual Ele demonstra a sua justiça ao mesmo tempo que nos confere justiça. Isto Deus fez

⁵⁸ STOTT, John – A Mensagem de Romanos, 2000 Ibid. p. 67 -

⁵⁹ Ibid . p. 67

por meio de Cristo, o justo que morreu pelos injustos. Isto passa a ser fato na vida do homem no momento que este, pela fé confia em Deus – o justo viverá pela fé.

6 – ΠΙΣΤΕΩΣ - fé

A palavra fé é usada por três vezes no versículo 17 do capítulo 1 de Romanos:

ἐκ πίστεως εἰς πίστιν - de fé em fé

ἐκ πίστεως – de fé

A palavra, quer como substantivo - ΠΙΣΤΕΩΣ, quer como verbo – ΠΙΣΤΕΥΟ ocorre cerca de 240 vezes no Novo Testamento⁶⁰. No Novo Testamento, ΠΙΣΤΕΩΣ construída com a preposição eis ocorre 49 vezes, sendo que 39 vezes estão nos escritos de Paulo⁶¹.

A melhor definição para fé é a definição dada pela Escritura Sagrada em Hebreus 11:1: “Ora, a fé é a certeza das coisas que se esperam, a convicção dos fatos que se não vêem.” Calvino⁶² define fé como o “firme e seguro conhecimento da divina benevolência para conosco, (conhecimento) que fundado na verdade da graciosa promessa em Cristo não só é revelada à nossa mente, mas é também selado em nosso coração, mediante o Espírito Santo.”

Antes de explorar o sentido de fé usado por Paulo no texto em questão, analisemos os vários tipos de fé apresentados na Escritura:

Charles Hodge em sua Teologia Sistemática⁶³ destaca três tipos de fé: fé morta ou especulativa, fé temporal e fé salvífica e Louis Berkhof (op. cit) , que concorda com ele

⁶⁰ HOEKEMA, Antony – Salvos pela Graça, 1997. P. 139

⁶¹ BERKHOF, Louis – Teologia Sistemática, 1990 p 498.

⁶² Institutas- III. 2.7

⁶³ HODGE, Charles. Teologia Sistemática, 2001. P. 1077

nestas, acrescenta outras duas ainda: fé histórica e fé miraculosa. Hoekema⁶⁴ destaca ainda a fé como dom.. A título de esclarecimento, citaremos resumidamente o significado de cada uma delas:

a – Fé histórica, morta ou especulativa – Trata-se da pura e simples apreensão da verdade, vazia de qualquer propósito moral ou espiritual. O conteúdo histórico e as verdades morais e espirituais são aceitos à medida em que estes satisfazem os interesses pessoais. Esse tipo de fé pode ser resultado da tradição, educação, opinião pública e até discernimento da grandeza da Escritura e de outros fatores, no entanto somente como resultado das operações gerais do Espírito. É uma fé humana e não uma fé divina. Pode ser ortodoxa e escriturística mas não está arraigada no coração.

b – Fé temporal – É a persuasão de verdades religiosas que vem acompanhada de algumas incitações da consciência e de uma agitação dos afetos, mas não tem suas raízes comuns no coração regenerado. É chamada de fé temporal porque não permanece nos dias de provação e perseguição. Os que recebem a impressão do evangelho crêem, mas porque não tem raízes em si mesmos (Mt. 13:1), mais cedo ou mais tarde apostatam. Difere da fé histórica no interesse pessoal que mostra pela verdade e na reação dos sentimentos à verdade, às vezes, chega até se confundir com a fé salvadora. Esse tipo de fé se baseia na vida emocional e busca satisfação pessoal em vez da glória de Deus.

c – Fé miraculosa ou sobrenatural – É a persuasão produzida na mente de uma pessoa de que um milagre será realizado por ela ou em favor dela. Uma tarefa que transcende os poderes naturais dada por Deus a uma pessoa e a capacidade para fazer ou realizar esta tarefa requer fé. São os casos de homens que aparecem como instrumento de Deus. É uma fé

⁶⁴HOEKEMA, Antony – Salvos pela Graça, 1997. p. 149

em milagres no sentido ativo: Mt. 17:20; Mc. 16:17,18. Berkhof ⁶⁵ diz que este tio de fé nem sempre é acompanhada de fé salvadora: Mt. 8:10-13; Jo. 11:22, 25-27, 40 e At. 14:9.

d – fé como Dom – è a fé oriunda e dada por Deus. a fé que produz regeneração e leva ao arrependimento, a fé que é fruto exclusivo da operação do Espírito. É a fé de Ef. 2:8-10 e Fl. 1: 29.

e – Fé Salvadora – segundo Hodge é a fé que assegura a vida eterna, que nos une a Cristo como membros vivos do Seu corpo, que nos converte em filhos de Deus, que nos faz participantes de todos benefícios da redenção, que opera através do amor e é frutífera em boas obras. É a fé que tem a sede no coração e suas raízes na vida regenerada. É a fé dada por Deus sem nenhum tipo de participação humana, plantada em nosso coração para nos capacitar a olhar para Cristo e receber todas as bênçãos redentivas que Ele nos assegurou na Cruz. Ef. 2:8-10.

f - Fé como conjunto de verdades reveladas - Além destes tipos de fé encontrado na Escritura, acrescenta-se ainda a fé como conjunto de verdades reveladas.⁶⁶ A Escritura é chamada de fé em alguns textos:

At. 13:8 – “procurando afastar da fé” – apostatar da fé, naufragar = abandonar. Significa afastar da verdade de Deus expressa na Escritura.

At. 13:15 – “leitura da lei e dos profetas” – o ensino do Antigo Testamento interpretado e aplicado em uma mensagem evangélica.

Jd. 3 – “ batalhardes diligentemente pela fé” – Fé aqui designa o conteúdo da mensagem ensinada pelos apóstolos e professada pelos crentes.

⁶⁵ BERKHOF, Louis – Teologia Sistemática, 1990 p 505

⁶⁶ CAMPOS, Heber Carlos de. MATOS, Alderi Souza de, LOPES, Augustus Nicodemus, NETO, Francisco S. Porela – Fé Cristã e Misticismo., 2000 p. 106-107.

Fl. 1:27 – “lutando pela fé evangélica” – conjunto de verdades anunciada pelos apóstolos.

Elementos da fé –

A fé não pode ser compreendida se não apreciarmos os elementos que a envolve. A fé é uma atividade do homem como um todo e não apenas parte dele, muito embora, antes de tudo, a fé é um Dom exclusivo de Deus, mas que envolve a atividade do homem, pois no exercício da fé, a alma humana funciona através de suas atividades comuns, agindo portanto, no:

Intelecto – (Notitia – conhecimento)

O homem aceita como verdadeiro aquilo que crê e se convence da veracidade das Escrituras, crendo racionalmente na proporção suficiente onde ele se dá conta de sua total depravação e da sua total impotência de merecer a graça redentora de Cristo.

Sentimento – (Assensus – assentimento)

Quando alguém abraça a Cristo pela fé tem uma profunda convicção da veracidade e da realidade do objeto da fé, a obra redentora de Cristo, e sente que esta verdade o prende a uma importante necessidade de sua vida e tem consciência de um absovente interesse por ela.

Volição (Fiducia – confiança) –

A fé não é questão de intelecto e nem de intelecto e assentimento combinados. Também é questão de vontade, determinando a direção da alma, um ato da alma que parte rumo ao seu objeto (o objeto da fé é Cristo) e dele se apropria. Sem essa atividade, o objeto da fé que o pecador reconhece como verdadeiro e real e inteiramente aplicável às suas necessidades, permanece fora dele. A fé fiducia consiste de uma confiança pessoal em Cristo como salvador, incluindo a rendição da lama culpada e corrupta a Cristo e o reconhecimento e a apropriação de Cristo como fonte de perdão e de vida espiritual.

Chegamos ao ponto crucial. Qual é o sentido que Paulo usa a palavra fé neste texto? ἐκ πίστεως εἰς πίστιν – de fé em fé. Ou traduzindo a preposição eis como **para**, ao invés de **em**, uma possibilidade gramaticalmente cabível, assim teríamos o texto: “No evangelho é revelada a justiça de Deus, de fé para fé”. Quanto a esta possibilidade, Stott ⁶⁷ faz as seguintes proposições:

a – Tem a ver com a origem da fé – “Da fé de Deus que faz a oferta, à fé do homem que a recebe, da fé (Fidelidade) de Deus à nossa fé. A fidelidade de Deus vem sempre primeiro e a nossa nunca passa de uma mera resposta.

b – Pode ser que Paulo tenha em mente a divulgação da fé por meio do evangelho (de um crente a outro).

c – Paulo pode estar fazendo uma alusão ao crescimento da fé: “de um nível para outro.”

d – Paulo pode estar discutindo a primazia da fé, neste caso a expressão seria puramente retórica.

Acho que a última proposição de Stott, a que trata da primazia da fé, é a que melhor se encaixa no texto em discussão. Assim, a tradução mais apropriada seria: “No evangelho é revelada, de fé em fé, a justiça de Deus.” A indicação é de que a justiça de Deus somente se revela através do evangelho, mediante fé, bem como se aplica ao homem que crê somente mediante fé (Fé salvadora). Assim a tradução da NVI (Novíssima Versão Internacional) é a mais apropriada: “ pois no evangelho, do princípio ao fim, é revelada a justiça de Deus...” Este é o entendimento que Paulo deseja transmitir ao declarar esta sentença.

A citação de Habacuque:

⁶⁷ STOTT, John – A Mensagem de Romanos, 2000 . p. 68

‘ Ο δὲ δίκαιος ἐκ πίστεως ζήσεται – mas o justo viverá pela fé.

O contexto em que esta expressão foi usada no Antigo Testamento e da reclamação do profeta quando Deus pretendia levantar os impiedosos babilônicos a fim de castigar Israel. como Deus poderia usar o perverso para julgar o perverso? A resposta do Senhor ao profeta foi então que os babilônicos cairiam, mas os justos israelitas viveriam pela fé. A conjunção adversativa δε destaca este contraste. Viveriam pela fé, ou seja, pela sua humildade, e firme confiança em Deus em contrapartida os babilônicos seriam destruídos. Esta confiança intensa em Deus, que tem a característica de sustentar e proteger o crente é utilizada por Paulo ao referir-se à fé em Jesus Cristo, tomando um conceito mais elevado de salvação eterna.

Trata-se de uma vida de fé que leva à vida eterna. A fé em Cristo, a confiança na graça de Deus, em Cristo é o começo da nossa efetiva salvação e esta fé continuará sendo sempre o seu instrumento, do princípio ao fim.

Entendo que é neste sentido que Paulo lança mão desta expressão de Habacuque. É pela fé que tomamos conhecimento da justiça de Deus revelada no evangelho e é pela fé que esta justiça, uma vez revelada nos é aplicada, bem como é pela fé que permanecemos dentro do processo de desenvolvimento da salvação, especialmente na obra da santificação. Assim, é pela fé, do começo ao fim, que vive o justo.

VIII - GÊNERO LITERÁRIO

O gênero literário do texto de Romanos 1:16-17 é duplo. Trata-se de epístola e profecia.

Toda a perícopé é parte integral da epístola (carta) que Paulo escreve à igreja de Roma.

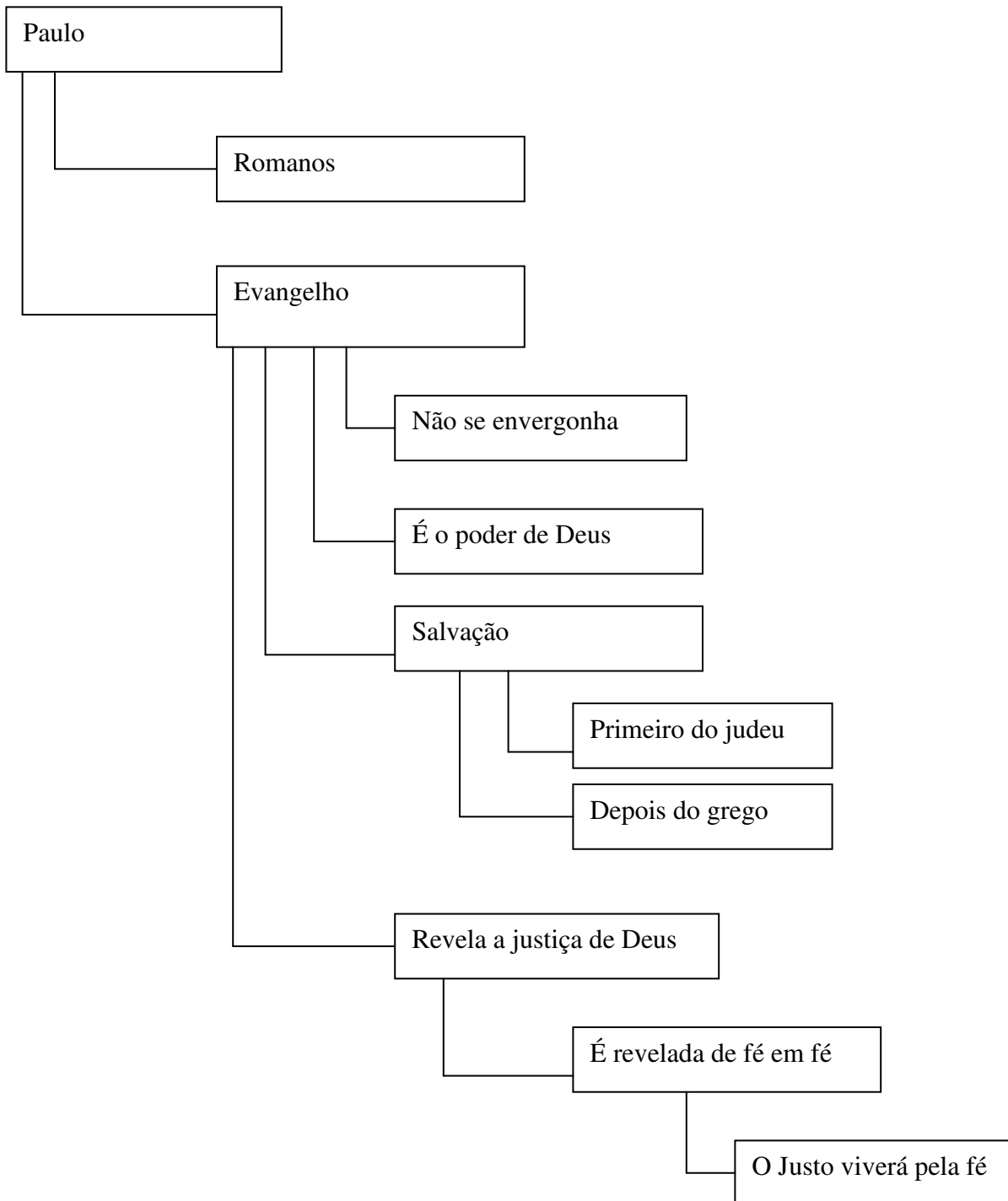
Imediatamente à saudação à igreja, Paulo anuncia o tema geral que será tratado na carta: a justiça de Deus alcançada pela fé. O apóstolo fala do poder de Deus expresso no evangelho para a salvação de todo aquele que crê e fala da revelação da justiça de Deus manifesta em Cristo Jesus que se revela no evangelho.

O segundo gênero literário usado neste texto é o profético. Trata-se da última frase do versículo 17 “mas o justo viverá pela fé”. O apóstolo Paulo lança mão de um texto de Habacuque capítulo 2 versículo 2, uma mensagem profética de conforto e esperança dentro do contexto em que foi originalmente escrita e que se constitui, agora na ótica neo testamentária em uma doutrina de máxima importância. Ao lançar mão deste texto do Antigo Testamento, Paulo amplia o conceito de justiça de Deus, incorporando o aspecto forense a ela, preservando, porém., a mensagem de conforto e esperança de que sempre, do começo ao fim, o justo viverá pela fé.

IX - TRADUÇÃO

Pois não me envergonho do evangelho porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e depois do grego. Porque no evangelho, de fé em fé, é revelada a justiça de Deus, como está escrito: o justo viverá de fé.

X - ANÁLISE DE DISCURSO



XI - ESTRUTURA DO LIVRO

Romanos é uma carta altamente doutrinária onde Paulo expõe temas imprescindíveis à fé cristã. A estrutura desta carta é notadamente temática, onde, a partir de um tema geral, como sugere Calvino⁶⁸, a justificação pela fé, o autor sagrado expressa seu pensamento através de sub temas que são harmônicos com o tema principal.

Na exposição da estrutura da epístola aos Romanos, seguiremos a proposição da Bíblia de Estudos de Genebra, uma vez que com ela concorda a maioria dos comentaristas citados neste trabalho.

- I - Saudação de Paulo e introdução pessoal (1: 1-15)
- II - Tema: a justiça de Deus para judeus e gentios (1:16-17)
- III - A total pecaminosidade da humanidade (1:18 – 3:20)
 - A pecaminosidade dos gentios (1:18-32)
 - A pecaminosidade dos judeus (2:1 – 3:8)
 - A pecaminosidade universal (3:9-20)
- IV - A justiça de Deus para a justificação (3:21 – 5:21)
 - Provida em Cristo pela fé (3:21-31)
 - Provada pelo exemplo de Abraão (cap 4)
 - Bênçãos garantidas para os justos (5:1-11)
 - Bênçãos alicerçadas na obediência de Cristo (5:12-21)
- V - A graça reina através da justiça de Deus (cap. 6-8)
 - A quebra do domínio do pecado (cap. 6)

⁶⁸ CALVINO, João – Exposição de Romanos, 1997 p. 27

Crentes mortos para a condenação da lei (cap. 7)

Vitória dos que vivem pelo Espírito (cap. 8)

VI - A demonstração da justiça de Deus em relação a judeus e gentios (cap. 9-11)

A justiça de deus estabelecida na história (cap. 9)

A justiça de Deus recebida somente pela fé (cap. 10)

A justiça de Deus revelada nos judeus e gentios (cap. 11)

VII - A Justiça de Deus correspondida e expressada na vida do Seu povo (12:1 – 15:13)

Na igreja (12:1-2)

No ministério do corpo (12:3-21)

Na vida política e social (cap. 13)

Na comunhão de fracos e fortes (14:1 – 15:13)

VIII - Os planos de Paulo e saudações finais (15:14 – 16:27)

A visão de Paulo para o seu ministério (15:14-22)

O plano de Paulo para visitar Roma (15:23-33)

Saudações de Paulo aos cristãos de Roma (16:1 –21)

Os companheiros de Paulo enviam saudações (16:1-24)

Doxologia apostólica de Paulo (16:25 – 27)

XII - TEOLOGIA

Este texto composto apenas de dois versículos; por se tratar da introdução de uma carta de máxima importância da doutrina da Soteriologia (doutrina da salvação), traz no seu bojo preceitos doutrinários elementares para a conduta do eleito e chamado por Deus para uma vida de santidade e operosidade.

No texto do cap. 1 vers. 16 e 17 de Romanos que é uma carta soteriológica, destacamos especialmente duas doutrinas, que estão dentro de uma doutrina maior, a Soteriologia: a doutrina da Vocação Eficaz e a doutrina da Justificação, muito embora estejam implícitas as doutrinas da Regeneração, do Novo nascimento e da Conversão; pois, segundo a *ordo salutis* (uma exposição sistematizada escriturística da ordem da salvação) a justificação não pode acontecer sem antes o pecador ser regenerado, nascido de novo e convertido. No entanto, nos ateremos apenas às doutrinas da Vocação Eficaz e Justificação, por ser elas as mais evidenciadas e enfatizadas pelo apóstolo no referido texto.

I - A doutrina da Vocação Eficaz –

Ao declarar que o evangelho é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê; não creio que Paulo esteja falando de uma vocação externa do evangelho, mas de uma vocação eficaz, uma vez que o apóstolo diz claramente que o evangelho é para a salvação de todo o que crê, muito embora, a vocação eficaz esteja dentro da doutrina da vocação externa, a chamada geral do evangelho. Sobre esta diferença e relação Berkhof destaca:

Pode-se dizer que a vocação de Deus é uma só, e a distinção entre uma vocação externa e uma vocação interna ou eficaz simplesmente chama a atenção para o

fato de que esta vocação se apresenta em dois aspectos. Não significa que esses dois aspectos andam juntos ou estão sempre unidos.⁶⁹

A base para a argumentação de que a mensagem do evangelho é poderosa e salvadora repousa na afirmação do apóstolo que declara que o evangelho é o poder de Deus para a salvação, e sabemos que esta mensagem só tem poder salvífico, só se torna eficaz se for internalizada no coração do homem. Sobre isto Berkhof destaca:

A mesma palavra ouvida na vocação externa torna-se eficiente no coração na vocação interna da palavra pela poderosa aplicação do Espírito santo, vocação externa passa direto à vocação interna⁷⁰

Paulo também amplia a extensão desta vocação eficaz, declarando que a salvação, anteriormente prerrogativa da nação judaica eleita, agora se estende a povos gentios: (primeiro do judeu depois do grego). Implicitamente está o conceito de eleição. A eleição continua a vigorar pois o evangelho (a vocação externa) é para a salvação (vocação eficaz) somente dos que crêem. Sobre este ponto a Confissão de fé de Westminster declara:

Todos aqueles que Deus predestinou para a vida, e só esses, Ele é servido, no tempo determinado por Ele e aceito, chamar eficazmente pela sua palavra e pelo seu Espírito, tirando-os por Jesus Cristo daquele estado de pecado e morte em que estão por natureza, e transpondo-os para a graça e salvação. Isto Ele o faz iluminando os seus entendimentos espiritualmente para compreenderem as coisas de Deus para a salvação... atraindo-os eficazmente a Jesus Cristo mas de maneira que ele vem mui livremente, sendo para isso disposto pela sua graça.⁷¹

Assim, vejo que o “evangelho” neste texto possui um sentido amplo e Paulo se refere ao evangelho como todo conteúdo da Escritura do Antigo Testamento que é apontativa para os acontecimentos recentes dos tempos do apóstolo, onde Jesus Cristo,

⁶⁹ BERKHOF, Louis – Teologia Sistemática, 1990 p 471

⁷⁰ BERKHOF, Louis – Teologia Sistemática, 1990 p 472

⁷¹ Confissão de Fé de Westminster cap. X - I

Filho de Deus havia cumprido todas as profecias descritas a respeito dele e contidas no Antigo Testamento.

Ao lançar mão dos acontecimentos recentes a Paulo, Jesus, o Nazareno, morto e ressurrecto como cumprimento da Escritura sagrada, o que o apóstolo denomina de boas notícias (evangelho); o que se tem então é uma mensagem viva e poderosa que se caracteriza pela salvação de todo aquele que nela crê.

2 - A doutrina da Justificação – a justiça de Deus

A doutrina tratada neste texto é a doutrina da justificação, justificação pela fé. Por questão de obediência ao termo exposto no texto manteremos a terminologia “justiça de Deus”, tendo sempre em mente, porém, que a doutrina em foco, teologicamente falando é a doutrina da justificação.

A abordagem de justiça de Deus por Paulo é feita em termos forenses (judiciais). Berkhof ⁷² diz que o sentido escriturístico da palavra é “efetuar uma relação objetiva, o estado de justiça por uma sentença judicial.”

No texto em questão, Paulo declara que a justiça (δικαιοσύνη) de Deus é revelada no evangelho. Esta declaração é deveras importante, para o entendimento da justificação pela fé. Lutero, um dos grandes nome da reforma protestante do século XVI, descobriu o sentido de justiça de Deus e justificação pela fé ao olhar para o texto de Romanos 1: 16-17. Mesmo depois de inúmeras dolorosas penitências, a alma do reformador permanecia angustiada e era profundo o sentimento de culpa pelo pecado. Na leitura dos Salmos lia

⁷² BERKHOF, Louis – Teologia Sistemática, 1990 p 515

sobre a justiça de Deus e a entendia como punitiva. Como pecador que era, se apavorava.

Sobre este ponto, Hoekema acrescenta:

Ao abrir a bíblia em Romanos leu nela sobre o evangelho de Cristo para a salvação (1:16) . Estas eram boas notícias. Mas o verso seguinte dizia: “ visto que a justiça de Deus se revela no evangelho...” – de novo a horrível palavra *justiça*. Sua crise aumentou ao ler sobre a ira da Deus manifesta dos céus contra toda impiedade (1:18). Lutero, porém, voltou ao verso 17 e notou que a “justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé, como está escrito: o justo viverá pela fé”. De repente a luz o inundou. A “Justiça de Deus” que Paulo tinha em mente não era punitiva que levava Deus a punir os pecadores, antes, era a justiça que Deus ofertava ao pecador necessitado, e que esse pecador a aceitava pela fé! Essa era a perfeita e pura justiça, adquirida por Cristo, que Deus graciosamente atribuía ao crente.⁷³

O entendimento do texto posterior no cap. 3: v. 20-22, que também trata de justiça de Deus é fundamental para a compreensão do tema aqui abordado por Paulo. Muito embora a abordagem de justiça de Deus seja feita em termos forenses, a aplicação da penalidade exigida pela justiça de Deus não é feita ao homem, mas a alguém que Deus enviou como substituto dele. Depois de falar que a ira de Deus se revela dos céus contra toda impiedade e perversão dos homens, depois de abordar pecados tanto de judeus como de gentios (1:18 – 3:20), Paulo chega ao verso 21 dizendo: “ Mas agora, sem lei, se manifestou a justiça de Deus (δικαιοσύνη Θεου) testemunhada pela lei e pelos profetas” com “justiça de Deus” Paulo não está falando do atributo de Deus pelo qual Ele julga a todos nós segundo as nossas obras e nos condena quando falhamos em guardar a lei, e que a justiça também é conhecida à parte da lei e que esta justiça não é obtida através da guarda da lei. “visto que ninguém será justificado diante dEle por obras da lei, em razão de que a

⁷³ HOEKEMA, Antony – Salvos pela Graça, 1997. P. 159

lei vem pelo conhecimento do pecado” v. 20. No verso 21 “ Mas agora, sem lei se manifestou a δικαιοσύνη Θεου – Justiça de Deus, testemunhada pela lei e pelos profetas”. E continua no verso 22 “δικαιοσύνη Θεου – justiça de Deus mediante a fé em Jesus Cristo, para todos [e sobre todos] os que crêem. Pois não há distinção.” Ora, essa justiça anunciada por Paulo tem a ver com uma justiça que provê recursos para livrar o culpado. É uma justiça, nas palavras de Hoekema ⁷⁴ “declarativa, forense”, ou seja, trata-se de justificação pela fé.

Esta, indubitavelmente é a justiça de Deus revelada no evangelho, visto que por evangelho, Paulo entende como o conteúdo total da obra expiatória e vicária do Senhor Jesus Cristo, descrita em Is. 53 e cumprida num tempo passado, porém muito recente aos dias de Paulo, do qual ele mesmo fora testemunha e comissionado para ser apóstolo, conforme declaração dele mesmo em Rm. 1: 1-6.

Ao ampliar o conceito de justiça de Deus, Paulo demonstra que a apropriação desta justiça é somente pela fé, justificando a citação extraída do Antigo Testamento: “mas o justo viverá pela fé”.

A vida assegurada ao justo mediante a fé diz respeito à vida de paz com Deus, proporcionada pela aplicação da Sua justiça em Cristo, pelo processo da imputação. E ao mesmo tempo, pelo processo da imputação, essa mesma justiça de Deus que puniu a Cristo, matando-o na cruz do calvário, foi o sacrifício perfeito aceito por Deus como suficiente para aplacar a Sua ira e satisfazer a Sua justiça. É esta justiça que Cristo satisfez na cruz que aos eleitos é imputada, sendo a fé o

⁷⁴ HOEKEMA, Antony – Salvos pela Graça, 1997. P. 163

instrumento de apropriação dela. Assim, a justiça de Deus aplicada em Jesus Cristo e imputada aos seus eleitos é a justiça revelada no evangelho, que do princípio ao fim é apropriada pela fé (de fé em fé).

Para melhor compreensão da doutrina da justificação, faz-se mister ressaltar alguns pontos sobre a sua natureza:

a – A justificação pressupõe a ira de Deus – Uma vez que o Deus com quem tratamos é Santo, que não pode, senão irar-se contra o pecado (Hb. 1:13), entendemos que a ira de Deus repousa sobre o pecado que cometemos e a nossa natureza nos leva a cometer mais pecados ainda; uma vez regenerados, nascidos de novo e convertidos, sentimos urgir dentro de nós a necessidade de sermos justificados.

b - A justificação é uma declaração forense – A justificação é um ato realizado no tribunal de Deus com relação aos pecados dos homens. Estes quando justificados são **declarados** justos diante da lei em função do pagamento dos débitos da transgressão da lei feito por Jesus Cristo. Assim, a justificação tem a ver com a lei e com a justiça. Uma vez que todos os homens estão debaixo da obrigação de cumprir a lei e são ao mesmo tempo transgressores dela pela impossibilidade de cumpri-la, todos tornam-se devedores e culpados dela e a única sentença justa que deveria vir sobre eles seria a condenação. A justificação repousa no fato de Deus, por amor, misericórdia e graça, imputar (colocar sobre) a Cristo toda a dívida que era contra nós. Cristo levou a nossa culpa e sofreu o castigo em nosso lugar ao obedecer perfeita e plenamente a lei. Ao nos justificar, todo o escrito de dívida que era contra

nós foi cancelado. A justiça de Cristo é imputada (colocada sobre) os eleitos de Deus para a salvação. Os eleitos são então declarados justos, passando a ser vistos por Deus como tais.

c – A justificação é realizada numa esfera *extra nos*, fora de nós – O lugar em que ocorre a justificação é na cruz onde Jesus leva toda a nossa culpa e sofre todo o nosso castigo. Este ato não produz nenhuma mudança em nossa condição (a de pecadores) mas altera nosso estado de ímpios indignos para justos ao serem assim declarados.

Ainda assim, mesmo sendo uma obra realizada fora de nós, é destacado o aspecto objetivo (ativo) e o aspecto subjetivo (passivo). A justificação é ativa porque é uma obra realizada por Deus em nosso favor. É uma obra declarativa imputada a nós. Somos declarados justos (não feitos justos) quando Deus comparece como soberano juiz que requer a satisfação de sua justiça, bem como comparece como quem satisfaz esta justiça e nos outorga mediante os méritos de Seu Filho todos os benefícios conquistados no ato da satisfação da sua justiça: o perdão do nosso pecado e a nossa reconciliação com Ele.

O homem se torna justo à medida em que o evangelho nele se manifesta em poder, ou seja, quando o evangelho se constitui em vocação eficaz, e isto sabemos, só é possível mediante a obra de regeneração, implantação de vida no coração do homem morto em seus delitos e pecados (Ef. 2:1). A declaração de Paulo: “o justo viverá pela fé” traz o ensino que a justificação é apropriada pela fé conforme 3:22. “Justiça de Deus mediante a fé em Jesus Cristo para todos os que crêem.” É uma

justiça à parte da guarda da lei que é Dom de Deus e recebida pela fé, que por sua vez, também é doação de Deus. (Ef. 2:8)

Assim, ao introduzir novamente o assunto abordado em 1:17 no versículo 19 do capítulo 3 o apóstolo discorre até o verso 31 e discorrerá por toda a carta sustentando esta tese, enfatizando que a justiça de Deus é imputada a nós é por meio de Jesus Cristo e não é meritória, mas tão somente pela fé.

Sobre o papel da fé na justificação, Grundem destaca:

Por que Deus escolheu a fé para ser o meio da justificação? Porque Deus não poderia Ter decidido dar a fé a todos aqueles que sinceramente demonstra amor, ou alegria, ou satisfação, ou humildade, ou sabedoria? Por que Deus escolheu fé como o meio pelo qual receberíamos a justificação? Aparentemente porque a fé é aquela atitude do coração que é o oposto exato do depender de si mesmo. Quando vamos a Cristo com fé, dizemos em essência o seguinte: eu sei que não posso depender de mim mesmo, ou de minhas obras. Eu sei que por mim mesmo jamais me tornarei justo diante de Deus. Portanto, Jesus, eu confio em Ti e dependo de Ti completamente para me conceder uma posição justa diante de Deus.⁷⁵

Desta forma, a fé é exatamente o oposto de confiar em si mesmo. Ela é a atitude perfeitamente apropriada para a salvação que não depende em hipótese alguma de nossos méritos, inteiramente da livre graça de Deus. A fé é o ato de receber a Cristo e nEle repousar, excluindo assim, toda e qualquer relação com obras ou méritos.

A fé é o órgão de apropriação da justificação, ou seja, a fé é o instrumento de Deus dada ao homem, por meio do qual ele recebe a justificação.

⁷⁵ GRUNDEN, Wainy – Teologia Sistemática, 2000 p. 610-611

A fé como dom de Deus é produzida no coração do homem pecador e o habilita a receber a justificação. Além disso, ao ser produzida no coração do pecador, Deus leva-lhe a declaração do perdão ao seu coração.

Sobre esta instrumentalidade no papel da fé, Hodge destaca o seguinte:

Porque se declara que a base a qual se adscrive nossa justificação sobre a qual se coloca a confiança do pecador é o sangue, a morte, a justiça, a obediência de Cristo. Ademais, devido ao fato de Cristo ser o resgate, o sacrifício e como tal efetuou nossa salvação, presume-se necessariamente que a fé que nos integra no mérito de sua obra limita-se a um ato de confiança, pois qualquer outro ponto de vista contraria a gratuidade da justificação.⁷⁶

Assim, os méritos de Cristo são a base legal da justificação do pecador. Através da fé o pecador se apropria desta justiça de Cristo e estabelece uma união consciente com seu Salvador. É pela fé que o pecador se apropria da justiça do mediador, já formalmente conquistada em favor dele por Jesus no tribunal de Deus. Assim, pela fé o pecador passa a desfrutar dos benefícios da justiça de Cristo e se apropria de todas bênçãos resultantes dessa justificação: perdão e por conseguinte, paz com Deus.

⁷⁶ HODGE, Charles. Teologia Sistemática, 2001. P. 1151

XIII - MENSAGEM PARA HOJE

A mensagem poderosa do evangelho cujo conteúdo encerra a salvação de todos aqueles que nele crer não deve ser motivo de vergonha para nós crentes hoje como não era para Paulo.

O evangelho de Jesus Cristo não é uma mensagem vazia, enganosa, que alimenta somente as emoções e leva a uma comoção desprovida de subsídios espirituais. É, antes de tudo, uma mensagem poderosa para a lama aflita e sedenta por libertação do jugo de escravidão do pecado.

É uma mensagem que é autenticada pelo próprio autor, o Senhor Jesus Cristo. É autêntica porque Ele mesmo conferiu autoridade a ela, validando-a com seu poder inspirador, fazendo de todo o seu conteúdo o relato da obra poderosa que Ele mesmo realizou. isto faz do evangelho o poder de Deus para a salvação de todo o que crê. Uma mensagem poderosa assim, uma vez experimentada, jamais será motivo de vergonha, antes, a experiência do contato com ela deve nos levar a anuncia-la com ímpeto e afã.

A revelação da justiça de Deus contida no evangelho é outro elemento motivador para termos uma vida espiritual autêntica e operosa. A certeza da manifestação da justiça de Deus aplicada em Cristo e imputada a nós deve trazer ao nosso coração o sentimento de alegria e gratidão a Deus, pois nisto consiste a nossa reconciliação, a nossa paz com Deus, uma vez que é mediante este ato da maravilhosa graça de Deus, apropriado pela fé que Ele nos dá é que Ele nos vê e nos recebe como justos diante de Si.

Assim, a mensagem poderosa do evangelho que revela a justiça de Deus cumprida por Jesus Cristo e dada ao homem por meio da fé deve impactar a igreja, levando-a aos pés de Cristo, proporcionando uma vida de submissão a Deus e compromisso de santidade.

A mensagem poderosa de salvação do evangelho que revela a justiça de Deus deve ser pregada também a esta sociedade arrogante e prepotente que, com seu conceito de auto-suficiência busca amenizar suas consciências culpadas, relativizando esta veraz mensagem, buscando aproximação de Deus mediante obras meritorias que não passam pela cruz de Cristo, único lugar onde se dá a justificação do pecador.

XIV - BIBLIOGRAFIA

- BERKHOF, Louis – Teologia Sistemática. Campinas: Luz Para o Caminho, 1990.
- BROWN, Lolita Coenen Colin. Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento. tradução de Gordon Chow. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.
- CALVINO, João. Exposição de Romanos. São Paulo: Paráclitos, 1997.
- CALVINO, João. Institutas. São Paulo: Casa Editora Presbiteria, 1990.
- CAMPOS, Heber Carlos de. MATOS, Alderi Souza de, LOPES, Augustus Nicodemus, NETO, Francisco S. Porela – Fé Cristã e Misticismo. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 2000.
- CHAMBERLAIN, W.D. Gramática exegética do Grego Neo Testamentário. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1989
- CHAMPLIN, Russell Norman. O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo. São Paulo: Candeia, 1995 VI. III
- CONFISSÃO de Fé de Westminster. 8 ed. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1984.
- DAVIDSON, F. O Novo Dicionário da Bíblia. 3 ed. São Paulo, Edições Vida Nova, 1997.
- DAVIS- Jonh D. Dicionário da Bíblia. 5 ed. Rio de Janeiro. Casa Publicadora Batista, 1971
- DOUGLAS, J.P. O Novo Dicionário da Bíblia, 2 ed. São Paulo. Vida Nova, 1995.
- GRUNDEN, Wainy. Teologia Sistemática. São Paulo: Vida Nova, 2000
- GUNDRY, Robert. H. Panorama do Novo Testamento. São Paulo. Vida Nova, 1978.
- GUNDRY, Robert. H. Panorama do Novo Testamento. São Paulo. Vida Nova, 1978.
- HODGE, Charles. Teologia Sistemática. São Paulo: Hagnos, 2001.

- HOEKEMA, Antony. Salvos pela Graça. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1997.
- KURT, Aland. The Greek New Testament. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1994.
- LEENHARDT, Franz J. Epístola aos Romanos – Comentário Exegético. São Paulo: Aste, 1969
- LUZ, Waldir Carvalho. Manual de Língua Grega. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1991. VI. I
- REGA, Lourenço Stelio. Noções do Grego Bíblico. 3 ed. São Paulo: Vida Nova, 1995
- SCALKWIJKS, Frans Leonard. Coinê. Pequena Gramática do Grego Neotestamentário. 7 ed. Patrocínio: Ceibel, 1994.
- SPROUL, R. S. Bíblia de Estudo de Genebra. São Paulo e Barueri: Editora Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
- STOTT, John. A Mensagem de Romanos. São Paulo: ABU Editora, 2000

Agradecemos ao autor pelo envio e permissão da publicação do presente trabalho no Monergismo.com.